



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Flávio Faccini Martins

Correspondência entre medida explícita não verbal e o *Implicit Relational Assessment*
Procedure (IRAP) no estudo do preconceito sexual

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

São Paulo

2020



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Flávio Faccini Martins

Correspondência entre medida explícita não verbal e o *Implicit Relational Assessment
Procedure* (IRAP) no estudo do preconceito sexual

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de MESTRE
em Psicologia Experimental: Análise do
comportamento, sob orientação da Prof.^a
Dra. Paola Espósito de Moraes Almeida.

São Paulo

2020

Banca Examinadora:

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por fotocópias ou processos eletrônicos.

São Paulo, ____ de _____ de 2020.

Assinatura: _____

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq).

Processo n.º 168100/2018-5.

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq).

Process no. 168100/2018-5.

Agradecimentos

Fazer ciência se deve às diversas contingências de reforçamento ou extinção atuantes pelas quais o pesquisador/cientista é exposto. Entre elas, destacam-se contingências de reforçamento social, possíveis devido a pessoas com um valor de importância grande ao pesquisador, construídas historicamente por meio de interações pesquisador-mundo. Dada essa premissa, gostaria de agradecer a todas as pessoas, citadas ou não neste pequeno texto de agradecimentos, que fizeram parcela importante na minha formação e trajetória de pesquisador.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Eduardo Carrenho Martins e Elisabeth Faccini Martins, por tornarem possível e viável minha história como estudante, psicólogo e pesquisador. Mãe e pai, vocês sempre foram e sempre serão minha fortaleza em todos os momentos da minha vida: lembrem-se sempre disso.

Gostaria de agradecer à possibilidade e honra pelo trabalho de Paola Espósito de Moraes Almeida, cuja difícil função foi me abrir e fechar as múltiplas possibilidades de minha trajetória como pesquisador, e a toda a dedicação e rigor investidos na presente pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos à voluntariedade e disposição (quase infinita) de Gabriel Spatafora, João Marinho, Letícia Barbieri e Bruno Vieira, por tornarem esta pesquisa concluída. Sem vocês, não haveria coleta ou os critérios científicos tão relevantes para a presente pesquisa.

Gostaria de prestar especiais agradecimentos a cada participante da presente pesquisa, por ter apostado em nosso País como um lugar possível de se realizar ciência, ainda que num cenário político, econômico e social tão frágil.

Também gostaria de agradecer notavelmente a Jayson Ribeiro dos Santos, Rafael Vicente Ferreira, Rachel Costa Cespedes, Lucas Palhari, Eduardo Sousa, Jonathan Sousa

e Diógenes Yuji, por estarem engajados e fornecerem um cenário acolhedor frente a tantas dificuldades que tive com o presente estudo, durante minhas aulas e durante a vida. Quero que vocês saibam que tornaram meu caminho possível – e toda a minha gratidão por terem feito parte importante de meu ambiente durante esses dois anos.

Por tornarem possível e viável meus dias de mestrando, gostaria de agradecer a Claudio Sarilho, Larissa Aguirre, José Schultz, Raniel e Natalia Mucheroni.

Finalmente, gostaria de agradecer a Paula Suzana Gioia e Maria Eliza Mazzilli, por terem me dado, em aula e fora dela, modelos de excelência em docência e pesquisa, pelas quais estarei muito inspirado daqui para frente.

Martins, F. F. (2020). *Correspondência entre medida explícita não verbal e o Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) no estudo do preconceito sexual* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Orientadora: Prof.^a Dra. Paola Espósito de Moraes Almeida.

Linha de Pesquisa: Processos Básicos na Análise do Comportamento.

Resumo

O *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP) tem sido o principal instrumento utilizado para avaliar preconceito, diferentemente das medidas explícitas não verbais. Com o baixo número de pesquisas por meio dessa forma de investigação, a presente pesquisa almejou comparar a convergência ou divergência na produção de resultados de preconceito sexual nesses diferentes tipos de medida (implícita e explícita não verbal) com pessoas de diferentes orientações sexuais e políticas. Doze pessoas (sendo seis heterossexuais e seis homossexuais, sendo que seis se declararam com orientação política de direita ou centro, e seis de esquerda) realizaram o IRAP com o critério de 2 segundos de latência e 80% de acerto e foram entrevistadas por dois confederados, sendo descrito aos participantes sempre que um deles era homossexual e o outro era heterossexual, e eles foram solicitados a escolher qual dos dois deveria receber uma bolsa de mestrado para continuar a pesquisa com o experimentador. As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, e os comportamentos de sorrir, movimentar-se de forma irregular na cadeira e ter contato visual foram registrados por intervalo de 15 segundos, sendo realizada a diferença do confederado homossexual para o heterossexual. Foi considerado como preconceito quando os candidatos sorriram mais, movimentaram-se menos de forma irregular e mantiveram mais contato visual para o confederado heterossexual. Na medida explícita não verbal percebeu-se que quanto mais positiva a diferença da porcentagem de tempo em que um participante sorria, movimentava-se irregularmente ou se aproximava-se de um confederado, maior a chance de escolher o confederado homossexual. Quatro dos doze participantes apresentaram convergência entre todas as medidas explícitas, indicando uma dificuldade de identificar viés por meio da própria medida. Quando divididos de acordo com sua orientação sexual, o grupo homossexual foi identificado pela medida explícita não verbal com viés heteronegativo, e o heterossexual sem viés, e quando divididos por orientação política, os esquerdistas também foram considerados heteronegativos, e os não esquerdistas também não apresentaram viés sexual. Já na medida implícita, os grupos heterossexual, homossexual e esquerdistas não apresentaram viés, e o grupo não esquerdistas apresentou um valor de *t* significativo, mas não para algum tipo de viés, em uma única relação exigida pelo IRAP. A convergência entre as medidas foi difícil dado que uma mesma medida apresentava mais de um valor, e nem sempre esses valores apontavam para o mesmo resultado (divergência intramedida), especialmente na avaliação individual dos participantes. Analisando os dados a partir do valor mais alto de cada tipo de medida, percebeu-se correspondência em nove dos 12 participantes analisados individualmente. Houve uma convergência intermedida de quase todos os casos quando os participantes foram analisados em grupo. Sugere-se que novas pesquisas tomem alguns cuidados metodológicos, tais como: randomizar a ordem das entrevistas e solicitar a escolha do participante antes das entrevistas. Futuras pesquisas podem se utilizar de um número maior de participantes para garantir maior representatividade da amostra, e investigar quatro grupos diferentes: heterossexuais de esquerda, heterossexuais de direita, homossexuais de esquerda e homossexuais de direita.

Palavras-chave: análise do comportamento, preconceito sexual, medidas explícitas, medidas implícitas, IRAP

Martins, F. F. (2020). *Correspondence between non-verbal explicit measure and Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) in the study of sexual prejudice* (Master's thesis). Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, Brazil.

Thesis Advisor: Prof. Paola Espósito de Moraes Almeida, PhD.

Line of Research: Basic Processes in Behavior Analysis.

Abstract

The Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) has been the main instrument used to assess prejudice, unlike explicit non-verbal measures. Considering the low number of studies through this form of research, this research aimed to compare the convergence or divergence in the production of sexual prejudice results in these different types of measures (implicit and explicit non-verbal) among people of different sexual and political orientations. Twelve people (six heterosexuals and six homosexuals, six of whom declared themselves to be politically oriented from the right-wing or center, and six from the left-wing) took the IRAP with the criterion of 2 seconds of latency and 80% accuracy and were interviewed by two confederates, being described to the participants whenever one of them was homosexual and the other was heterosexual, and they were asked to choose which one should receive a master's scholarship to continue the research with the experimenter. The interviews were recorded on audio and video, and the behaviors of smiling, moving irregularly in the chair and having eye contact were recorded for an interval of 15 seconds, with the difference being made between the homosexual confederate and the heterosexual one. It was considered prejudice when candidates smiled more, moved less irregularly and maintained more eye contact for the heterosexual confederate. In the explicit non-verbal measure, it was realized that the more positive the difference in the percentage of time that a participant smiled, moved irregularly or approached a confederate, the greater the chance that he would choose the homosexual confederate. The choice of the participant in relation to the confederate proved to be the most explicit of the present research, since it was mostly in relation to the homosexual confederate. Four of the twelve participants showed convergence between explicit non-verbal measures, indicating a difficulty in identifying bias through the measure itself. When divided according to their sexual orientation, the homosexual group was identified by explicit non-verbal measure with heteronegative bias, and the heterosexual group without bias, and when divided by political orientation, leftists were also considered heteronegative, and non-leftists also did not show sexual bias. In the implicit measure, the heterosexual, homosexual and left-wing groups did not present bias through the statistical analysis of the Student t test, and the right-wing group showed a significant t value, but not for any type of bias, in a single relationship required by the IRAP. The convergence between the measures was difficult since the same measure had more than one value, and these values did not always point to the same result (intra-measure divergence), especially in the individual assessment of the participants. Analyzing the data from the highest value of each type of measure, a correspondence was noticed in nine of the twelve participants analyzed individually. On the other hand, there was an inter-measure convergence of almost all cases when the participants were analyzed in a group. It is suggested that further research take some methodological precautions, such as: randomizing the order of the interviews and requesting the choice of the participant before the interviews. Future research may use a larger number of participants to ensure greater representation of the sample, and to investigate four different groups: leftist heterosexuals, rightist heterosexuals, leftist homosexuals and rightist homosexuals.

Keywords: behavior analysis, sexual prejudice, explicit measures, implicit measures, IRAP

Lista de Figuras

- Figura 1 – Porcentagem de sorrisos e movimentos irregulares na cadeira em relação aos confederados heterossexual e homossexual.32
- Figura 2 – Distância dos participantes em relação aos confederados heterossexual e homossexual.37
- Figura 3 – Viés sexual observado pela avaliação do IRAP nos diferentes grupos.....48

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Ordem de Apresentação dos Estímulos dos Grupos 1 e 2.....	26
Tabela 2 – Perfil de Orientação Sexual e Política dos Participantes.....	31
Tabela 3 – Correspondência entre Diferentes Medidas Explícitas Não Verbais.....	35
Tabela 4 – Diferença de Certos Comportamentos dos Participantes frente aos Confederados Heterossexual e Homossexual de acordo com sua Orientação Sexual ou Política.....	39
Tabela 5 – Escolha de Cada Participante em relação a Cada Confederado, sua Orientação Sexual e Ordem na qual Realizaram a Entrevista.....	42
Tabela 6 – Comparação da Primeira e Segunda Escolhas em relação ao Confederado A e B, sua Orientação Sexual e Primeira ou Segunda Entrevistas.....	46
Tabela 7 – Valores Obtidos no IRAP em Cada Tipo de Relação Formada por Cada Participante.....	51
Tabela 8 – Correspondência entre os Diferentes Tipos de Medida (Intermedida) para Cada Participante.....	55

Sumário

Introdução	1
Objetivos.....	17
Método.....	18
Participantes.....	18
Materiais e <i>Setting</i>	18
Procedimentos.....	19
Fase 1 – Avaliação do preconceito sexual a partir da medida explícita não verbal: interação participante–confederado.....	20
Fase 2 – Avaliação do preconceito sexual a partir de medida implícita verbal – IRAP.....	24
Resultados e Discussão.....	30
Perfil dos Participantes	30
Avaliação de Preconceito Sexual a partir da Análise de Medidas Explícitas Não Verbais	31
Variáveis que Podem Ter Controlado os Resultados Durante as Avaliações	45
Preconceito Sexual na Medida Implícita	46
Correspondência entre a Medida Implícita e a Explícita Não Verbal durante a Avaliação do Preconceito Sexual.....	54
Considerações Finais	58
Referências	62
Apêndices	71

O fenômeno social da *homossexualidade* é contemporâneo em nossa história, sendo que alguns autores da psicologia social e da sociologia afirmam que ela foi inventada (Filho, 2011). Esta palavra foi utilizada pela primeira vez em 1886, pelo sexólogo Richard von Krafft-Ebing, para nomear o que seria por ele entendido como um transtorno da sexualidade (Filho, 2011). De 1886 a 1990, o então homossexualismo foi considerado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) da mesma forma que a proposta por Krafft-Ebing, sendo, portanto, mantida por 104 anos a patologização de uma orientação sexual hoje considerada saudável. Apesar de a Associação Americana de Psiquiatria ter retirado a homossexualidade de seu catálogo de doenças em 1973, no Brasil, a homossexualidade somente deixou de ser considerada doença em 1990, quando a OMS retirou a condição de sua lista de doenças. Apesar disso, dados do Grupo Gay da Bahia (2017) revelam que 387 pessoas da comunidade LGBT (sigla para se referir a *Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais* ou não-binários) morreram por assassinato e 58 pessoas se mataram no ano de 2017, totalizando 445 LGBT mortos. O número é alarmante: uma morte a cada 19 horas, tornando o Brasil o país com maior taxa de mortes LGBT do mundo. O dado releva uma tendência crescente no número de mortes, com um aumento de 30% de casos em relação ao ano anterior (2016), com 343 mortes. Diante disso, pode-se afirmar que o preconceito sexual dirigido à população LGBT ainda é um problema presente no Brasil, que demanda intervenções tanto na área legislativa quanto a nível de saúde pública.

Segundo Drydakis (2009), o preconceito sexual estaria relacionado não apenas a um número de mortes expressivas, mas também à manutenção de desvantagens no mercado de trabalho de homens gays em relação a homens heterossexuais. Para Fazzano e Gallo (2015), além da agressão física, o preconceito seria reconhecido na violência psicológica e sexual dirigida à população LGBT, sendo a primeira uma forma de

humilhação e diminuição do *status* social e a segunda relacionada a conteúdos ou atos sexuais. Torna-se evidente que, apesar de algumas teorias analisarem o preconceito como um problema individual, trata-se de uma demanda social. Por esse motivo, a presente pesquisa adotará como objeto de estudo o preconceito sexual.

No campo da psicologia, o *preconceito* tem sido amplamente estudado por diferentes abordagens teóricas, tais como a psicologia social (Allport & Mazal Holocaust Collection, 1954; Goldstein, 1983) e a análise do comportamento (Jardim, 2018; Mizael, 2015).

Na psicologia social, o preconceito tem sido tratado como um conjunto de atitudes, crenças ou julgamentos negativos de determinados grupos sociais sobre outras pessoas, grupos ou objetos (Abelson & Prentice, 1989) e estudado a partir de diferentes métodos de investigação (Pager, 2006). Entre esses métodos, o uso de entrevistas e questionários pode ser destacado, solicitando-se, em diferentes estudos, que os participantes relatassem ao pesquisador seus pensamentos (crenças) e respostas afetivas (atitudes) sobre determinado assunto, uma vez que tais comportamentos não seriam publicamente observáveis (Carr & Friedman, 2005; Schuman, Steeh, Bobo, & Krysan, 1997). O reconhecimento de que nem sempre tais relatos seriam precisos determinou a inclusão de estratégias metodológicas baseadas na observação direta de comportamentos que, segundo os pesquisadores, expressariam crenças e atitudes reveladoras do preconceito. Entre os comportamentos observados, a proximidade física de um participante a confederados brancos ou negros (Goff, 2005) ou sua escolha entre candidatos de diferentes etnias para uma vaga de emprego foram citados (Bertrand & Mullainathan, 2003) e tomados como expressões das crenças e atitudes preconceituosas, que poderiam ou não ser diretamente declaradas ao experimentador.

Para a análise do comportamento, comportamentos públicos não seriam tomados, no entanto, como expressões de eventos internos, mas ambos determinados por contingências ambientais históricas e atuais. Nesse sentido, atitudes e crenças foram reinterpretados sob a ótica do behaviorismo radical (Correia & Borloti, 2013; de Carvalho & de Rose, 2014; Mizael, 2016; Mizael, dos Santos, & de Rose, 2016), sendo discutidos a partir da análise skinneriana dos operantes verbais do tipo tato, mando e intraverbal (Guerin, 1994; Mizael & de Rose, 2017).

Segundo Guerin (1994), descrições acerca do próprio comportamento poderiam ser assumidos como operantes verbais de tato, quando as respostas verbais do falante estivessem sob controle de estímulos antecedentes não verbais produzidos por seu próprio comportamento, sendo mantidas por reforçadores generalizados. O fato de que tais descrições podem ser diferencialmente conseqüenciadas por seu conteúdo determina, no entanto, o fortalecimento ou omissão de certas descrições na presença de diferentes audiências, enfraquecendo a correspondência entre o relato e o comportamento relatado. Nesse caso, o comportamento verbal passaria a ser entendido como um mando, ou seja, como uma resposta verbal sob controle de operações motivacionais e conseqüências específicas liberadas pela audiência, não devendo ser tomados como um relato preciso acerca do comportamento. Para Guerin (1994), relatos descritivos do próprio comportamento poderiam, ainda, ser entendidos como comportamentos intraverbais, quando estivessem sob o controle de outras palavras, em vez do ambiente físico imediato que controlaria um tato. Assume-se, então, que comunidades verbais costumam reforçar descrições abstratas e genéricas em vez de descrições correspondentes a eventos específicos, tal como quando, por exemplo, uma pessoa é reforçada a dizer que negros são ruins quando, na verdade, não teria tido contato com toda a população negra (Mizael & de Rose, 2017).

Dadas as possibilidades anteriormente colocadas, entende-se que o relato de um indivíduo acerca de seu próprio comportamento pode sofrer interferência de diferentes variáveis e é, portanto, uma medida pouco confiável desse comportamento. Também para a análise do comportamento, o uso de questionários como estratégia metodológica de avaliação do preconceito seria, assim, considerado metodologicamente inadequado, e seriam necessários outros procedimentos para avaliação dos comportamentos de interesse nesses estudos.

Como uma alternativa, o Teste de Associações Implícitas (*Implicit Association Test – IAT*) e o Procedimento de Avaliação de Relações Implícitas (*Implicit Relational Assessment Procedure – IRAP*) passaram a ser adotados nos estudos sobre preconceito, por permitirem identificar associações previamente estabelecidas entre estímulos relativos a determinados grupos sociais e atributos específicos (Cullen & Barnes-Holmes, 2008).

Para fundamentar a origem desses instrumentos, retomaremos os conceitos de discriminação simples, condicional, equivalência de estímulos e a teoria da moldura dos quadros relacionais.

Quando um estímulo antecede a resposta e a chance de emissão dessa resposta aumenta diante de sua presença, ele recebe o nome de *estímulo discriminativo*. Para um estímulo passar a exercer a função de estímulo discriminativo, ele requer uma história de reforçamento diferencial, isto é, uma história em que, em sua presença, a emissão de uma resposta produziu uma consequência reforçadora, e a mesma resposta emitida em outras ocasiões não produziu a mesma consequência. Além da discriminação simples, que envolve um estímulo que se relaciona diretamente com uma resposta, a literatura aponta também um segundo tipo de discriminação:

as discriminações podem ser efetivas sob algumas condições, mas não sob outras. . . . Tais discriminações, em que o papel de um estímulo depende de outros que forneçam o contexto para ele, são denominadas discriminações condicionais. (Catania, 1998, p. 162)

Nesse sentido, quando somos reforçados a escolher, por exemplo, diante de um estímulo-modelo um estímulo com (ou sem) correspondência formal, estamos diante de uma discriminação condicional, já que um estímulo depende de outros para que a resposta produza a consequência reforçadora. Esse tipo de discriminação é definido como emparelhamento com o modelo ou *matching-to-sample* (MTS).

Assim como a discriminação simples, a discriminação condicional também exige que passemos por uma história de reforçamento diferencial, mas nem toda aprendizagem se baseia em processos que envolvem treino direito.

Existem relações de aprendizagem envolvidas especialmente com símbolos, palavras ou objetos nas quais a resposta de seres humanos pode ser emitida sem envolver diretamente um treino discriminativo explícito, como é o caso das relações de equivalência. Segundo Sidman (2000), para definir *equivalência de estímulos*, é necessário descrever três tipos de relações: reflexividade, simetria e transitividade.

Se um experimentador treinou a relação entre um estímulo A1 com B1, diversas outras relações irão surgir, portanto, serão testadas durante o experimento. Por exemplo, na relação de reflexividade, o participante irá apontar para o que o estímulo A1 (e não A2, por exemplo), quando o modelo A1 for apresentado, ainda que esta relação nunca tenha sido diretamente treinada. Nesse caso, dizemos que A1 é igual a A1, B1 igual a B1 e, assim por diante. Na relação de simetria, treinamos que o estímulo A1 é igual a B1, portanto, emerge (ou seja, a resposta aparece sem um treino discriminativo anterior) uma relação na qual B1 também é igual a A1. Se uma nova relação for estabelecida, agora

entre A1 e um terceiro estímulo C1, A1 será igual a C1, e também emergirá que C1 é igual a A1. Finalmente na relação de transitividade a relação A1 e B1 é treinada, e posteriormente a relação A1 e C1 é treinada, e observa-se que o indivíduo passa a relacionar por emergência B1 com C1.

Nesse tipo de experimento, as relações treinadas (A1-A1, A1-B1, A1-C1) recebem a consequência reforçadoras, e as relações emergentes (B1-B1, C1-C1, B1-A1, B1-C1 e C1-A1) são verificadas em um procedimento de *extinção operante*. Afirmamos, então, que houve equivalência entre estímulos quando o indivíduo responde diferencialmente a estímulos que nunca foram previamente relacionados a outros estímulos produzindo uma consequência reforçadora, como é o caso das relações de reflexividade, simetria e transitividade.

Trazendo este paradigma para a área do preconceito, podemos afirmar, portanto, que uma relação entre dois ou mais estímulos podem surgir a despeito de um treino direto e reforçamento diferencial. Com isso, uma relação entre homossexual e a palavra “não-produtivo”, por exemplo, pode vir a ocorrer mesmo sem nunca ter havido uma experiência que diretamente estabelecesse essa relação.

Paralelamente à teoria de Sidman (1994) sobre a formação de relações de equivalência, a *teoria das molduras relacionais* ou *relational frame theory* (RFT) passou a ser desenvolvida na década de 1990 (Dymond & Barnes, 1995; Steele & Hayes, 1991), sendo sistematizada por Hayes, Barnes-Holmes e Roche (2001). Perez, Nico, Kovac, Fidalgo e Leonardi (2013) afirmam que a grande contribuição da teoria RFT foi descrever que podemos relacionar estímulos por meio de diferentes tipos de relações: oposição, diferença, comparação, hierarquia, relações espaciais, temporais, de causalidades e dêiticas. Assim como descrito por Sidman (1994), Hayes et al. (2001) também apontaram

que as diferentes relações podem ocorrer sem treino direto e a despeito da similaridade da propriedade física dos objetos, sendo, portanto, relações arbitrárias.

Segundo a RFT, ser ensinado a responder a relações entre estímulos que não apresentam propriedades físicas comuns permite o fortalecimento de um tipo de comportamento operante nomeado como responder relacional arbitrariamente aplicável (RRAA). Para Perez et al. (2013), RRAA “são instâncias de uma classe maior, ou seja, de um operante de ordem superior, generalizado ou puramente funcional” (p. 40). O desenvolvimento desse operante inicia-se com o responder relacional não arbitrário, com propriedades físicas comuns. Segundo Hayes et al. (2001), relacionar é “responder a um evento nos termos de outro” (p. 25). Uma vez que obtemos fluência em relacionar eventos em diferentes contextos, uma série de relações podem ser derivadas, sem ser necessário o treino. Dessa forma, o preconceito sexual pode ser formado por meio de relações de hierarquia, oposição, entre outros tipos de moldura, e podem ser verificados por meio do uso do IRAP.

A partir destes pressupostos podemos compreender melhor a lógica que embasa instrumentos de medida implícita, como o IRAP e o IAT. Se um indivíduo passou por um treino direto de relações entre estímulos, e se novas relações emergiram ou se tais relaçãoea partir desse reino, tais como relações de equivalência ou a partir da derivação de molduras relacionais, a resposta de relacionar determinados estímulos seria mais rápida em relações já aprendidas do que em relações ainda não aprendidas, como no caso da relação entre as palavras “acidente-bom” x “acidente ruim”, por exemplo. Nesse caso, seria esperada menor latência de resposta diante de relações chamadas de consistentes, ou seja, relações previamente aprendidas, como no caso da relação “acidente ruim”, do que diante de relações inconsistentes, ou que não tenham sido antes ensinadas, tais como “acidente-bom”. Com isso, a medida da apresentação de dois estímulos e a latência da

resposta do indivíduo pode ser mensurada de forma a nos permitir constatar um viés étnico, racial, de gênero ou sexual.

Sobre as diferenças entre o IRAP e o IAT, Barnes-Holmes et al., (2006) e Cullen e Barnes-Holmes (2008) indicaram que a) o IAT apresenta alguns problemas de rigor experimental, com menor validade em teste e reteste do que o IRAP; b) o IRAP facilita a avaliação de correspondência das relações de medidas implícitas e explícitas, e a diferença entre grupos de acordo com sua orientação sexual, devido à transformação do dado no escore D (medida que é feita a partir da comparação entre a latência em tentativas consistentes e inconsistentes), sendo que quanto mais próximo de zero, menor seria a diferença de latência em responder às relações estabelecidas nas tentativas; c) o IRAP fornece quatro latências específicas indicativas de diferentes relações estudadas, enquanto o IAT fornece apenas duas. Nos estudos de preconceito sexual, o IRAP avaliaria, assim, a latências do responder dos participantes para avaliar como correta ou incorreta uma relação entre 1- estímulos que costumam evocar respostas de preconceito, como por exemplo homossexual + estímulo comparação com termos estereotipados negativo, como por exemplo, doente; 2- quaisquer estímulos que não costumam evocar respostas de preconceito, como por exemplo heterossexual + termos estereotipados negativo; 3- quaisquer estímulos que costumam evocar respostas de preconceito + estímulo comparação com termos estereotipados positivo, por exemplo saudável, e 4- quaisquer estímulos que não costumam evocar respostas de preconceito + estímulo comparação com termos estereotipados positivo.

Enquanto no diferenças na latência de resposta diante das diferentes relações entre estímulos seriam interpretadas como resultado da “afetividade automática” presente nas relações entre diferentes grupos de indivíduos; no caso do IRAP, tais diferenças seriam interpretadas como indicativas de relações previamente estabelecidas por meio relações

diretas, de equivalência (Sidman, 2000), ou de outras relações derivadas entre estímulos (Hayes, Barnes-Holmes, & Roche, 2001).

O uso do IAT e do IRAP seria, assim, considerado metodologicamente adequado ao estudo do preconceito por sugerir relações entre estímulos previamente estabelecidas a partir de um responder a que o participante estaria menos consciente, sendo desejável avaliar se tais associações entre palavras corresponderiam, de fato, ao comportamento preconceituoso observado durante interações sociais, às declarações verbais de um indivíduo acerca do próprio comportamento.

Além dos métodos iniciais descritos até o momento, outros pesquisadores desenvolveram procedimentos interessantes para o estudo na área do preconceito sexual, pautados no uso de medidas explícitas não verbais de preconceito.

Dasgupta e Rivera (2006), por exemplo, tinham por objetivo investigar se a homonegatividade ou o viés preconceituoso sexual avaliados a partir do IAT estavam relacionados a controle consciente para ter atitudes igualitárias relacionadas ao gênero, e ao controle consciente de comportamentos sutis. A medida explícita não verbal adotada em seu trabalho foi baseada nos estudos de McConnell & Leibold (2001), sendo utilizados dois confederados com o papel de realizar uma entrevista sobre política e economia com os participantes, que deveriam, depois indicar um dos confederados para entrada em um programa de honra da universidade. Antes da escolha os participantes deveriam ler um resumo com foto de cada confederado, sendo a orientação sexual do confederado declarada como sendo heterossexual ou homossexual, e sendo, também, descrito que o confederado homossexual fazia parte da aliança de estudantes gays da universidade, e o heterossexual, fazia parte da fraternidade do campus. A fim de garantir maior controle experimental, de forma que apenas a declaração da orientação sexual pudesse influenciar a escolha dos participantes, e não qualquer outra característica

pessoal dos confederados, algumas medidas foram tomadas: Os papéis de gay e heterossexual que representariam os confederados eram sistematicamente alterados nos resumos entregues aos participantes, sendo que os próprios confederados não tinham informação acerca de qual papel desempenhavam; e a ordem com que os confederados realizavam as entrevistas eram também alteradas, sendo que ora o Confederado A iniciava a entrevista, e ora o Confederado B a iniciava. Os seis itens de codificação de comportamentos explícitos indicativos de preconceito adotados foram: o registro de ocorrência de contato visual e de sorrisos entre participante e confederado, e itens qualitativos, como a postura corporal do participante em relação ao confederado, simpatia geral dos participantes, o aparente conforto e interesse do participante pela interação social com o confederado, conforme avaliação dos confederados que realizaram a entrevista, e a avaliavam como positivas ou negativas (de 1 - mais negativo a 11 - mais positivo pontos). A entrevista era gravada e o confederado respondia a avaliação sem acesso a essa gravação. Os experimentadores consideravam como mais negativo, por exemplo, se o participante sorria menos, mantinha menos contato visual e assim por diante. Os resultados indicaram que não houve nenhuma correspondência entre o IAT e a medida explícita não verbal no caso desse estudo.

Já o experimento de Gabriel et al (2007), visava identificar efeitos motivacionais de variáveis ambientais e pessoais na relação entre atitudes implícitas e comportamento deliberado de ajuda a homossexuais do gênero masculino e feminino. Os participantes foram 69 estudantes heterossexuais de diferentes níveis de escolaridade (ensino médio a pós-graduação), contatados por divulgação de panfletos. Inicialmente foi utilizado o IAT e medidas explícitas de autorrelato dos participantes, que avaliavam as atitudes em relação a homossexuais por meio de uma escala denominada pelos autores de cognitiva e a outra afetiva. Após esta primeira etapa, o experimentador os levava para uma sala

explicando que havia um conflito político recente com uma instituição local de apoio a homossexuais (*Homosexuelle Arbeitsgruppen Bern - HAB*) que decidiu que cessaria a ajuda financeira, ocorrendo o fechamento desta instituição. Os participantes recebiam um panfleto informativo sobre dados da instituição e todas as ações por ela desenvolvidas, cuja a finalidade seria sensibilizar o participante para o cumprimento da tarefa que ocorreria na sequência. O participante poderia ou não ajudar a manter a instituição a partir de 1) assinar uma petição; 2) se inscrever num programa de ajuda 3) fazer uma doação diretamente. Os participantes foram divididos em dois grupos, um no qual o experimentador fazia a proposta e permanecia na sala e a outra em que o experimentador dava a instrução e se retirava da sala, para verificar o efeito que a presença do experimentador teria para a decisão de participar ou não da ajuda à instituição. A atitude homonegativa era considerada em relação ao IAT (se a latência da resposta fosse muito baixa em relação ao grupo de homossexuais com características negativas) e também caso o participante não fornecesse nenhum tipo de ajuda à instituição. Eram então comparados os dois tipos de medidas para verificar se havia ou não correspondência entre eles. Neste caso, houve correspondência entre a medida implícita verbal (IAT) e a explícita verbal e não verbal.

Os estudos de Dasgupta e Rivera (2006) e Gabriel et al (2007) permitiram um questionamento importante da literatura científica: determinar se a medida implícita é correspondente ou não com o comportamento público e não verbal de um participante, descrito como preconceituoso.

Partindo dessa questão, Martins e Almeida (no prelo), realizaram uma revisão sistemática da literatura, investigando a existência (ou não) da correspondência entre medida explícita verbal, não verbal e implícita em estudos sobre preconceito sexual

dirigido a comunidade LGBT, bem como se diferentes grupos apresentariam diferentes viés de preconceito.

Martins e Almeida (no prelo) elegeram critérios sistemáticos para conduzir tal revisão, a partir da inserção das palavras-chave *psychology*, *IRAP* e *sexual*; *psychology*, *IRAP* e *homosexuality*; e *psychology*, *IRAP* e *gay* nos portais *PsycINFO*, *PubMed* e *Portal de Periódicos CAPES*, entre os anos de 2009 e 2018; e das mesmas expressões relacionadas com a palavra *IAT* entre os anos de 2016 a 2018.

Ao total, foram selecionados e considerados para análise um total de 22 artigos, produzidos entre os anos de 2001 e de 2018, dentre os quais 20 utilizaram o IAT e dois adotaram o IRAP como recurso para o estudo do preconceito sexual, avaliado a partir de medidas implícitas das relações estabelecidas entre estímulos relacionados à heterossexualidade ou homossexualidade, e determinados atributos (Martins & Almeida, no prelo).

Uma primeira análise dos artigos selecionados permitiu identificar que apenas seis dos 22 estudos analisados não apresentou uma especificação da orientação sexual dos participantes da pesquisa. Entre os 16 estudos que o fizeram, nota-se que a amostra de participantes contou tanto com homens quanto com mulheres heterossexuais e homossexuais, sendo observado um número um pouco maior de estudos com a população de heterossexuais e de homens em geral.

Martins e Almeida (no prelo) também investigaram o viés hétero e homonegativo nos diferentes grupos (homens heterossexuais e homossexuais e mulheres heterossexuais e homossexuais). Nenhum dos estudos avaliados por Martins e Almeida (no prelo) encontrou viés heteronegativo quando a população avaliada foi de heterossexuais. De modo distinto, heteronegatividade foi encontrada na população de homossexuais em dois de cinco artigos avaliados no período de 2001-2008, e em um de quatro artigos avaliados

após esse período. Os dados parecem sugerir que as práticas sociais mantidas pela comunidade não produziram facilmente relações de heteronegatividade, embora grupos homossexuais possam apresentar viés contra o grupo que, sendo dominante, provavelmente sustenta práticas de preconceito contra a população LGTB. Tal questão foi ainda pouco explorada na literatura até o presente momento, sendo um tema importante de discussão.

Estudos publicados a partir de 2016 passaram a incluir a população homossexual nos estudos sobre preconceito sexual, revelando um interesse na investigação do tema também entre membros de um mesmo grupo de referência. Notou-se que um viés homonegativo foi identificado em todos os artigos que discriminaram a orientação sexual dos participantes como sendo da população de heterossexuais. Mesmo na população de homossexuais, o viés negativo indicativo de preconceito contra a população LGTB foi notado em quase a metade dos estudos avaliados (44,44%), sendo interessante notar que apenas cinco estudos encontrados entre 2001-2008 apresentaram tal resultado, enquanto no período de 2009-2018, os dados indicativos de preconceito foram descritos em três dos quatro estudos avaliados. Houve, portanto, uma diferença na proporção entre o viés identificado até 2008 e a partir de 2009, o que poderia sugerir que mudanças recentes nas práticas culturais poderiam estar induzindo a ampliação do preconceito sexual contra a população LGTB no próprio grupo de homossexuais (Martins e Almeida, no prelo).

Sabendo que o preconceito contra a população LGTB pode, então, perpassar entre membros que participam desse mesmo grupo de referência, parece interessante notar que os dados apontam para uma independência entre comportamentos sexuais cotidianos dos participantes e as respostas verbais explícitas ou medidas implícitas indicativas de preconceito contra essas mesmas práticas. Dito de outra forma, os dados sugerem que mesmo um participante do grupo LGTB pode apresentar algum tipo de preconceito

contra o grupo do qual ele participa, o que se deve, possivelmente, à imposição de contingências socialmente importantes para instalação e manutenção de comportamentos preconceituosos que independem das contingências de reforçamento responsáveis pela manutenção de sua conduta sexual.

Grupos de posicionamento político e religioso distintos também foram avaliados em relação ao preconceito sexual, sendo identificado que o posicionamento político conservador seria um fator preditivo de preconceito sexual, mensurado a partir do IAT (Rowatt et al., 2006). Também no caso da religiosidade, uma correlação entre crença religiosa e preconceito sexual foi identificada (Rowatt et al., 2006), indicando que diferentes inserções em grupos culturais parecem fornecer contexto para a determinação e manutenção de comportamentos definidos como de preconceito.

Como antes mencionado, poucas pesquisas adotaram uma medida explícita não verbal durante a investigação, sendo que nenhuma das duas pesquisas que o fizeram utilizaram o IRAP e, mesmo no caso do IAT, apenas uma delas apontou a convergência entre as medidas utilizadas. Nenhuma pesquisa recente com essa preocupação foi identificada entre os anos 2016 e 2018, levando à necessidade de que futuras pesquisas com preconceito sexual avaliem as medidas explícitas não verbais além das medidas implícitas para identificar se existe correspondência entre esses dois tipos de medidas, aumentando assim a confiabilidade e validação da medida implícita como preditiva de comportamentos preconceituosos.

Martins e Almeida (no prelo) também realizaram uma análise da correspondência entre medidas explícitas verbais, não verbais e as medidas implícitas do preconceito. Quinze estudos apresentaram correspondência entre as medidas explícita verbal e implícita, um entre a explícita não verbal e a implícita verbal e um entre as três medidas.

Contrariamente, seis não apresentaram essa correspondência entre a medida explícita verbal e a implícita e um não demonstrou entre a explícita não verbal e a implícita.

Em relação aos demais artigos, apenas um não se utilizou de medidas explícitas verbais, enquanto os outros seis indicaram preconceito (ou viés sexual) a partir de uma medida implícita, embora isso que não tenha sido declarado aos pesquisadores a partir do uso de medidas explícitas verbais (Martins & Almeida, no prelo). O dado confirma a posição de Guerin (1994), de que questionários não seriam instrumentos confiáveis para identificar comportamentos preconceituosos dos participantes, sendo importante investir em estratégias metodológicas que dispensem a necessidade de autodeclarações verbais para o estudo do tema.

Entre os dois artigos encontrados que incluíram medidas explícitas não verbais para avaliar o preconceito, nota-se que apenas em um foi encontrada uma correspondência positiva entre tais medidas e as medidas implícitas produzidas a partir do uso do IAT. Nota-se, assim, que além do reduzido número de estudos preocupados em avaliar a correspondência entre as medidas implícitas e o comportamento público (não verbal) do participante em situações de teste, parece não haver ainda uma resposta definitiva sobre o quanto o uso das medidas implícitas poderia corresponder ou ser preditivo do comportamento preconceituoso em outras situações. Além disso, nenhum dos dois estudos identificados que explorou essas correlações obtiveram as medidas implícitas avaliadas a partir do uso do IRAP, sendo indicadas novas pesquisas que avaliem os resultados obtidos a partir de estratégias metodológicas assumidas por analistas do comportamento (Martins e Almeida, no prelo).

Outra pergunta ainda não respondida por Martins e Almeida (no prelo) de forma consistente é se existe ou não viés preconceituoso sexual entre o grupo de homossexuais, já que houve uma grande discrepância desses dados: quatro dos nove artigos analisados

encontraram esse resultado; enquanto outros cinco encontraram que os homossexuais não apresentam viés sexual em relação aos próprios homossexuais. Por esse motivo, este será um dos objetivos do presente experimento.

Objetivos

A presente pesquisa teve por objetivos:

- (a) Identificar se homens heterossexuais e homossexuais apresentariam viés sexual homonegativo e heteronegativo;
- (b) Investigar se a medida implícita de preconceito produzida a partir da aplicação do IRAP apresentaria correspondência na identificação de viés homonegativo e heteronegativo com relação à medida explícita não verbal; e
- (c) Verificar se homens com diferentes orientações políticas apresentariam viés homonegativo ou heteronegativo.

Método

Participantes

A coleta de dados foi realizada com 12 participantes do gênero masculino, maiores de idade que residem no estado de São Paulo, sendo seis autodeclarados como homossexuais e seis heterossexuais. Nenhum participante teve experiência prévia com esse tipo de experimento. Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, ela foi submetida ao Conselho de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sendo aprovada sob o CAAE n.º 23014819.3.0000.5482.

Materiais e *Setting*

O experimento foi realizado no laboratório do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento (PEXP), da PUC-SP, em duas salas que têm ruído reduzido e contêm uma mesa e algumas cadeiras. A primeira sala comportou as pastas que descrevem os confederados (Apêndice F, p. 72; e Apêndice G, p. 73), na qual o experimentador esteve presente. Na outra sala, ficaram as cadeiras e a câmera para registro em vídeo das entrevistas realizadas entre confederado e participante, descritas na seção de Procedimento.

Na sala do experimentador, havia um *notebook* com Microsoft Windows 7® e processador Intel Core i5, com o programa IRAP instalado, e uma câmera que registrou imagem e som. As 20 palavras-estímulos que foram apresentadas pelo IRAP foram adaptadas dos estudos de Nosek, Greenwald e Banaji (2005), sendo duas palavras-modelo (homem homossexual ou homem heterossexual) e 18 palavras-comparação (descritas na Tabela 1, p. 24).

Foram ainda utilizados um roteiro de entrevistas para guiar as perguntas que os confederados deveriam fazer aos participantes durante as situações de interação entre eles; um questionário com dados gerais dos participantes (posicionamento político,

gênero, orientação sexual e idade), e duas pastas que reuniram a documentação dos dois confederados, que deviam ser analisadas pelos participantes como uma das atividades previstas no estudo.

Procedimentos

Os participantes foram contatados a partir de um convite divulgado via rede social (Facebook e WhatsApp) ou a partir da abordagem direta do pesquisador ao participante no *campus* da universidade em que o estudo ocorreu, a partir da seguinte mensagem: “Olá, pessoal, meu nome é _____, sou estudante de mestrado em Psicologia e gostaria de convidar todos a participarem de um estudo sobre a política e possíveis relações que a linguagem pode ter com nossos sentimentos, afetos, atitudes e crenças. Os requisitos para a participação desse estudo é que a pessoa resida no estado de São Paulo e seja do gênero masculino. A participação concederá ao participante um certificado de horas complementares, no caso de universitários, e um vale-hambúrguer para todos os que passarem no critério de uma atividade feita no computador. O estudo terá duração média de uma hora e será realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), localizada em Perdizes. Para os interessados, manifestem o interesse por aqui ou via *inbox*. Obrigado a todos!”.

Caso o participante demonstrasse algum interesse em participar da pesquisa, o experimentador respondia a suas eventuais dúvidas e aplicava (de forma *on-line* ou presencial) o questionário do Apêndice B (p. 68), que apresenta perguntas sobre o gênero, orientação sexual e posicionamento político do participante. O experimentador agendava, então, um horário individual com os participantes, e a pesquisa era então realizada.

Num primeiro momento, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice A, p. 67), sendo os participantes informados sobre os objetivos do estudo e a possibilidade de desistência a qualquer momento da pesquisa,

caso assim desejassem. Foram iniciadas, então, as seguintes fases experimentais (realizadas todas no mesmo dia):

Fase 1 – Avaliação do preconceito sexual a partir da medida explícita não verbal: interação participante–confederado. O objetivo desta fase foi verificar de que forma o participante se relacionou socialmente com dois confederados, sendo a interação entre eles inteiramente gravada via áudio e vídeo, para posterior codificação das relações comportamentais identificadas. Os procedimentos e a codificação foram baseados nos estudos de McConnell e Leibold (2001) e Dasgupta e Rivera (2006).

A fase teve início com o participante sendo informado de que devia ajudar o experimentador com algumas tarefas de seu mestrado. Para isso, foram entregues duas pastas com informações a respeito de dois confederados que fizeram o papel de estudantes (Apêndice F, p. 72; e Apêndice G, p. 73), contendo sua fotografia e informações sobre seu hipotético currículo acadêmico e profissional, orientação sexual, gênero, bem como atividades extracurriculares, sendo uma destas atividades a participação em um grupo de militância do movimento LGBT da universidade (para o confederado homossexual) ou em um grupo de transporte sustentável da universidade (para o confederado heterossexual). A tarefa do participante foi avaliar qual dos dois confederados devia receber uma bolsa de mestrado integral para fazer parte da equipe do experimentador, a partir das informações descritas nos dois currículos.

Os dois confederados eram semelhantes em relação a aparência, gênero (homens), orientação sexual (heterossexuais) e etnia (para evitar a interferência de um provável preconceito racial, foram selecionados confederados brancos). A tarefa de cada confederado foi realizar uma entrevista com cada participante a respeito de sua posição política, com duração média de 15 min (Apêndice C, p. 69; e Apêndice D, p. 70). Esses tópicos foram selecionados pelo interesse da presente pesquisa em correlacionar

posicionamento político e preconceito sexual, além de não manterem relação direta com o tema do preconceito sexual. Os confederados foram treinados por 4 h (8 sessões de 30 min) pelo experimentador para realizar as entrevistas, fazendo contato visual com os participantes e sorrindo, sendo considerados aptos a aplicação após atingirem um critério de 80% de fidedignidade ao protocolo previsto durante as entrevistas (sorrir em média em 15% das vezes para o entrevistado, 90% de tempo com contato visual e 10% de tempo com movimentos irregulares). Durante a aplicação, os confederados não tiveram conhecimento sobre qual suposta orientação sexual teria sido informada aos participantes, nas pastas apresentadas pelo experimentador. A interação entre eles foi registrada por uma câmera filmadora presente no recinto, o que permitiu também o registro da integridade do procedimento mantido durante a pesquisa.

Além do pesquisador, um observador independente avaliou o registro da interação entre o confederado e o participante, a fim de realizar um cálculo de fidedignidade do registro acerca desses mesmos comportamentos relatados acima (sorriso, contato visual, movimento irregular) em relação ao participante em 25% de todas as interações gravadas. O índice de concordância foi calculado a partir do total de concordância das categorizações dos dois observadores, sobre o total de discordância mais concordância entre os dados ($\text{concordância} / (\text{concordância} + \text{discordância}) \times 100$). O resultado da integridade do experimento foi de 90,90%. O mesmo foi calculado em relação à correspondência no registro dos comportamentos dos participantes, sendo o resultado de 81,42%.

Para avaliação da interação social mantida entre participante e confederado foi utilizada uma adaptação das categorias desenvolvidas por Dasgupta e Rivera (2006), com os seguintes itens avaliados:

- (a) Porcentagem de intervalos de tempo (registro de ocorrência do comportamento de interesse em intervalos de 15 s) do participante sorrindo para o confederado (definido como uma retração dos cantos do lábio do participante para o alto e para os lados);
- (b) Porcentagem de intervalo de tempo (registro de ocorrência do comportamento de interesse em intervalos de 15 s) do participante fazendo contato visual com o confederado (definido como um comportamento no qual os olhos do participante se mantêm na mesma altura e em direção aos olhos do confederado);
- (c) Distância em centímetros entre a cadeira do participante e a do confederado; e
- (d) Proporção de intervalo de tempo (com intervalos de 15 s) em porcentagem (registro de ocorrência) dos movimentos irregulares (definidos como movimentos de coordenação motora grossa que não têm a finalidade de cumprir com a tarefa solicitada, tal como: ajeitar-se na cadeira, coçar-se, afastar-se do confederado e virar-se).

O valor analisado em cada um dos quatro itens foi o da diferença de porcentagem de tempo em que o participante sorriu para o confederado homossexual em relação à porcentagem de tempo em que ele sorriu para o confederado heterossexual. Caso o valor fosse negativo, o dado apontaria para homonegatividade, caso contrário, para heteronegatividade. Por exemplo: se um participante sorriu em 80% do tempo para o confederado heterossexual e 10% para o confederado homossexual, ele apresentou um valor de -70%, o que seria considerado valor sugestivo de uma interação menos amistosa com o confederado homossexual e, portanto, de homonegatividade. O comportamento amistoso do participante em relação ao confederado foi, de mesma forma, avaliado a

partir das diferenças observadas no tempo de contacto visual e movimentação irregular da cadeira, que foi tomado como um possível indicativo de desconforto do participante durante a interação. Assim, foi considerada negativa uma interação em que fossem observadas baixas porcentagens de intervalos de tempo do participante sorrindo e mantendo contato visual com o confederado, e alta porcentagem de movimento irregular na cadeira.

Outra medida avaliada foi a distância estabelecida entre a cadeira do confederado e o participante, medida em centímetros antes e após a saída do participante da entrevista com o confederado. Foi considerada indicativa de homo ou heteronegatividade o afastamento da cadeira do participante em relação ao confederado, o que foi descrito a partir de um valor negativo (-17 cm, por exemplo, em relação ao marco com que as cadeiras foram posicionadas ao início do estudo)

Para a análise final dos resultados, e comparação das diferenças observadas nos grupos, os resultados foram considerados indicativos de hetero ou homonegatividade quando os valores de cada um dos quatro grupos analisados foram considerados estatisticamente diferentes de zero. Para realizar o cálculo, foi utilizado o valor t de Student (um dos mais utilizados para se avaliar a significância das diferenças das médias de valores calculados entre dois grupos, por meio de uma amostra não paramétrica). O teste t de Student pode ser calculado a partir da fórmula $\frac{x-\mu}{S/\sqrt{n}}$, em que x é a média de uma amostra, μ a média da outra, S o desvio padrão e n é o número de sujeitos.

Correlação entre as medidas: O resultado final da medida explícita não verbal resultou em uma classificação de uma interação com viés homo ou heteronegativo; homo ou heteropositivo, ou inconclusiva, avaliada quando não houve correspondência entre as medidas explícitas avaliadas. A convergência dessa classificação com as medidas

indicativas de preconceito produzidas a partir do IRAP foi então realizada, sendo tais medidas implícitas produzidas conforme procedimento descrito na Fase 2.

Fase 2 – Avaliação do preconceito sexual a partir de medida implícita verbal – IRAP. Concluída a fase anterior, foi iniciada a Fase 2, com os participantes sendo convidados a realizar uma tarefa do computador com o uso do IRAP. Para tanto, o experimentador deu a seguinte instrução aos participantes, baseadas no estudo de Jardim (2018): “Será iniciada uma fase do experimento que tem por objetivo identificar as relações que palavras podem ter em relação ao comportamento. Na tela do computador, serão apresentadas uma palavra em cima e uma palavra embaixo, sendo que você terá as opções ‘verdadeiro’ ou ‘falso’. Se você clicar com a letra ‘D’, significa que escolheu ‘verdadeiro’; caso contrário, com a tecla ‘K’, significará que escolheu ‘falso’. Você deverá relacionar estas palavras da forma como o programa solicitar, independentemente do que você pensa a respeito. Essas palavras incluem valores sobre a orientação sexual. Sempre que você acertar, uma nova imagem será mostrada, e quando você errar, aparecerá um ‘X’ na tela, de modo que você terá que corrigir seu erro”. Após a instrução, caso o participante confirmasse ter entendido a tarefa, o programa era iniciado, e o experimentador ficava na sala durante a realização do primeiro bloco de tentativas (não considerado para análise final dos resultados), para sanar eventuais dúvidas. Após o primeiro bloco, o experimentador aguardava na sala ao lado e pedia que o participante o chamasse quando o programa solicitasse.

O IRAP consiste em um *software* de computador que exibe no centro da tela um estímulo em cima e um em baixo. O primeiro grupo de participantes (que formou inicialmente relações consistentes) devia teclar “D” (verdadeiro) para os estímulo-modelo “homem heterossexual” quando os estímulos tivessem valor social positivo e teclar “D” para “homem homossexual” aos estímulos com valor social negativo, ao

mesmo tempo que deviam teclar “K” (falso) para os estímulos negativos quando aparecesse “homem heterossexual” e para os estímulos positivos quando aparecesse “homem homossexual”. Essa diferenciação ocorreu para garantir maior precisão experimental, de que os participantes não estão sob controle da ordem de apresentação das tentativas consistentes e inconsistentes, mas sim do tipo de relação formada.

Em um segundo momento (a partir da 19.^a tentativa, a partir do segundo bloco), essa relação foi invertida, ou seja, teclar “K” para as relações que anteriormente teclava “D”, e vice-versa. Já o segundo grupo de participantes iniciou teclando “D” quando o estímulo-modelo “homem heterossexual” aparecia junto aos estímulos negativos e o estímulo-modelo “homem homossexual” aos estímulos positivos, e “K” para “homem heterossexual” e estímulos positivos e para “homem homossexual” e estímulos negativos, conforme indicado na Tabela 1.

Tabela 1

Ordem de Apresentação dos Estímulos dos Grupos 1 e 2

Grupo 1		
Orientação	Palavra	Resposta
Homem Heterossexual	Saudável	Verdadeiro
Homem Homossexual	Indecente	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Ateu	Falso
Homem Homossexual	Vigoroso	Falso
Homem Heterossexual	Íntegro	Verdadeiro
Homem Homossexual	Devoto	Falso
Homem Heterossexual	Forte	Verdadeiro
Homem Homossexual	Mau	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Descrente	Falso
Homem Homossexual	Doente	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Indecente	Falso
Homem Homossexual	Religioso	Falso
Homem Heterossexual	Vigoroso	Verdadeiro
Homem Homossexual	Íntegro	Falso
Homem Heterossexual	Devoto	Verdadeiro
Homem Homossexual	Forte	Falso
Homem Heterossexual	Mau	Falso
Homem Homossexual	Descrente	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Doente	Verdadeiro
Homem Homossexual	Indecente	Falso
Homem Heterossexual	Religioso	Falso
Homem Homossexual	Vigoroso	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Íntegro	Falso
Homem Homossexual	Devoto	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Forte	Falso
Homem Homossexual	Mau	Falso
Homem Heterossexual	Descrente	Verdadeiro
Homem Homossexual	Doente	Falso
Homem Heterossexual	Indecente	Verdadeiro
Homem Homossexual	Religioso	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Vigoroso	Falso
Homem Homossexual	Íntegro	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Devoto	Falso
Homem Homossexual	Fraco	Falso
Homem Heterossexual	Mau	Verdadeiro
Homem Homossexual	Crente	Verdadeiro

(continua)

(continuação)

Grupo 2

Orientação	Palavra	Resposta
Homem Heterossexual	Doente	Verdadeiro
Homem Homossexual	Indecente	Falso
Homem Heterossexual	Religioso	Falso
Homem Homossexual	Vigoroso	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Íntegro	Falso
Homem Homossexual	Devoto	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Forte	Falso
Homem Homossexual	Mau	Falso
Homem Heterossexual	Descrente	Verdadeiro
Homem Homossexual	Doente	Falso
Homem Heterossexual	Indecente	Verdadeiro
Homem Homossexual	Religioso	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Vigoroso	Falso
Homem Homossexual	Íntegro	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Devoto	Falso
Homem Homossexual	Fraco	Falso
Homem Heterossexual	Mau	Verdadeiro
Homem Homossexual	Crente	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Saudável	Verdadeiro
Homem Homossexual	Indecente	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Ateu	Falso
Homem Homossexual	Vigoroso	Falso
Homem Heterossexual	Íntegro	Verdadeiro
Homem Homossexual	Devoto	Falso
Homem Heterossexual	Forte	Verdadeiro
Homem Homossexual	Mau	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Descrente	Falso
Homem Homossexual	Doente	Verdadeiro
Homem Heterossexual	Indecente	Falso
Homem Homossexual	Religioso	Falso
Homem Heterossexual	Vigoroso	Verdadeiro
Homem Homossexual	Íntegro	Falso
Homem Heterossexual	Devoto	Verdadeiro
Homem Homossexual	Forte	Falso
Homem Heterossexual	Mau	Falso
Homem Homossexual	Descrente	Verdadeiro

Nessa Fase, foi esperada uma latência da resposta menor para as relações consistentes, que seriam relações previamente aprendidas; e latência da resposta maior para as relações inconsistentes, que não teriam sido aprendidas previamente. Nesta pesquisa, por convenção da área (Jardim, 2018; Mizael e de Rose, 2017), estímulos com valoração cultural positiva para homens heterossexuais foi considerada correta para as relações consistentes e incorreta para as inconsistentes; e estímulos com valoração cultural negativa para homens homossexuais foi considerada correta para as relações consistentes e incorreta para as inconsistentes.

Durante as fases de treino, caso o participante respondesse, em cada tentativa, conforme esperado pelo pesquisador, ele tinha por consequência a passagem para próxima tentativa. Caso o participante respondesse em desacordo ao esperado pelo pesquisador para a condição em vigor um “X” aparecia na tela, e o programa não prosseguia até que o participante apertasse a tecla considerada correta.

A tarefa experimental envolveu seis blocos de treino e dois blocos de testes, sendo cada bloco composto por 36 tentativas (18 tentativas relativas a uma relação consistente e 18 com a relação inconsistente). A ordem em que essas relações ocorreriam variava de acordo com o grupo do qual o participante fazia parte, conforme apresentado na Tabela 1. O critério para passar dos quatro blocos de treino para os seis blocos de teste foi, no mínimo, 80% de acerto duração máxima de 2 s em cada tentativa durante os blocos de treino. Os blocos de treino tiveram como objetivo familiarizar o participante com a tarefa experimental, e não diferiram dos blocos de teste em relação ao tipo de consequência dada. Os dados utilizados na presente pesquisa foram apenas dos blocos de teste. Os blocos de treino garantiam, assim, que os participantes tinham aprendido devidamente como desempenhar a tarefa, enquanto o bloco de teste avaliou a latência com que respondia às relações apresentadas como corretas ou incorretas, a partir da pressão às teclas D e K. Quando terminada a participação, o experimentador entregava ao participante o certificado de horas complementares e o vale-hambúrguer para aqueles que obtiveram êxito nas fases de treino e completaram a aplicação do IRAP.

Assim como em Mizael (2017) e Jardim (2018), foi considerado como viés de preconceito sexual os grupos que apresentaram uma diferença estatisticamente significativa em relação a 0 em cada um dos quatro tipos de relação avaliadas (heterossexual positivo, heterossexual negativo, homossexual positivo e homossexual

negativo) e para cada um dos quatro tipos de grupos (heterossexuais, homossexuais, esquerdistas e não esquerdistas), calculado a partir do teste t de Student.

Também foi realizada uma análise entre os diferentes grupos (heterossexual em relação ao grupo homossexual e esquerdista em relação a não esquerdista), a fim de se verificar qual desses grupos se aproximou mais da heteronegatividade ou homonegatividade em cada uma das quatro relações citadas anteriormente.

A convergência entre as medidas foi realizada por meio da comparação do resultado de cada medida (explícita não verbal e implícita) para cada participante e em relação a cada grupo de orientação sexual e política distintos.

Resultados e Discussão

Na presente seção, serão apresentados os resultados obtidos durante o estudo, sendo inicialmente descrito o perfil de cada participante e os resultados da avaliação das medidas explícitas não verbais coletadas durante a interação com os confederados. Posteriormente, serão apresentados os dados da medida implícita obtida a partir da aplicação do IRAP e a discussão de possíveis variáveis que possam ter influenciado tais resultados durante as avaliações. Por fim, uma avaliação da correspondência entre as medidas de avaliação de preconceito será realizada, a partir da análise dos dados individuais dos participantes e dos resultados obtidos pelos grupos de orientações políticas e sexuais distintas.

Perfil dos Participantes

A Tabela 2 apresenta o perfil dos participantes de cada grupo, de acordo com sua orientação sexual e política. Conforme é possível observar, os seis primeiros participantes (P1 ao P6) vinculam-se ao grupo cuja orientação sexual é heterossexual, enquanto os seis últimos (P7 ao P12) ao grupo de participantes homossexuais ou bissexuais. Os participantes P4, P6, P7, P8, P9 e P10 são pertencentes ao grupo de orientação política de esquerda enquanto os participantes P1, P2, P3, P5, P11 e P12 pertencem a grupos que se opõem à orientação de esquerda ou são indiferentes a essa proposta política (centro, centro-direita ou indefinida). Devido a dificuldades na seleção dos participantes, não foi possível manter uma mesma orientação política nos grupos de orientação sexual distintas, sendo necessário, portanto, conduzir análises independentes dos resultados obtidos pelos grupos, conforme sua orientação sexual ou política.

Tabela 2

Perfil de Orientação Sexual e Política dos Participantes

Participante	Orientação sexual	Orientação política
1	Heterossexual	Não esquerdista
2	Heterossexual	Não esquerdista
3	Heterossexual	Não esquerdista
4	Heterossexual	Esquerdista
5	Heterossexual	Não esquerdista
6	Heterossexual	Esquerdista
7	Homossexual	Esquerdista
8	Homossexual	Esquerdista
9	Homossexual	Esquerdista
10	Homossexual	Esquerdista
11	Homossexual	Não esquerdista
12	Homossexual	Não esquerdista

Avaliação de Preconceito Sexual a partir da Análise de Medidas Explícitas Não Verbais

A Figura 1 apresenta os resultados da interação entre participantes e confederados durante as entrevistas conduzidas na primeira etapa do procedimento, a partir da observação da porcentagem de tempo em que cada participante sorriu e manteve contato visual com os confederados homo ou heterossexual.

Como não foram encontradas diferenças importantes de contato visual mantido com os confederados no caso de nenhum dos participantes a despeito de sua orientação política ou sexual. Esses dados foram, então, desconsiderados de próximas análises.

Na ordenada da Figura 1, acompanha-se a porcentagem de tempo em que cada participante sorriu (painel superior) e movimentou-se irregularmente para os confederados (painel inferior). Na abscissa, estão discriminados os participantes ou grupos. Cada linha representa para qual confederado o participante emitiu cada

comportamento. A diferença das linhas do confederado hétero para o homo indicam a amistosidade ou viés de cada participante.

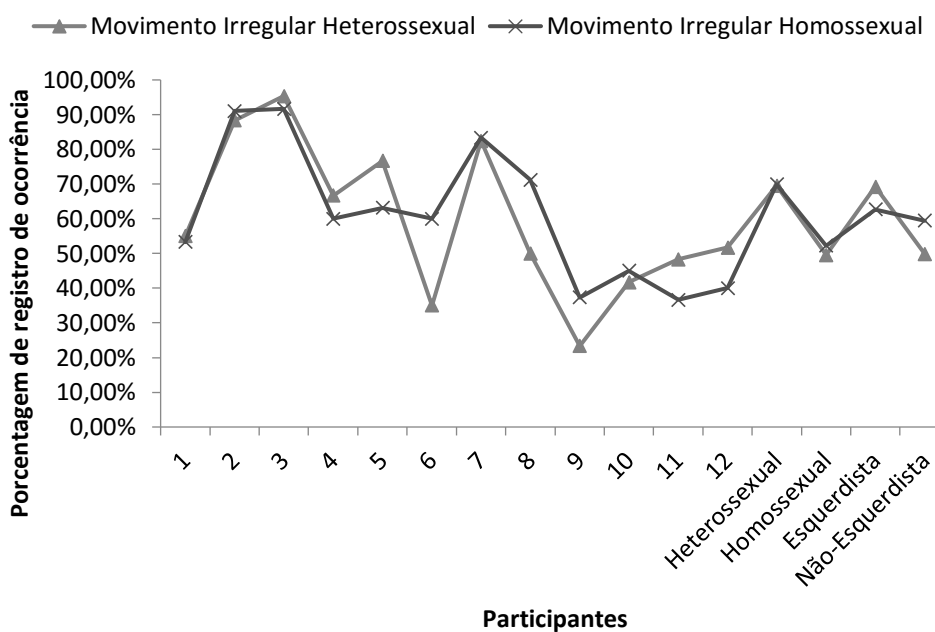
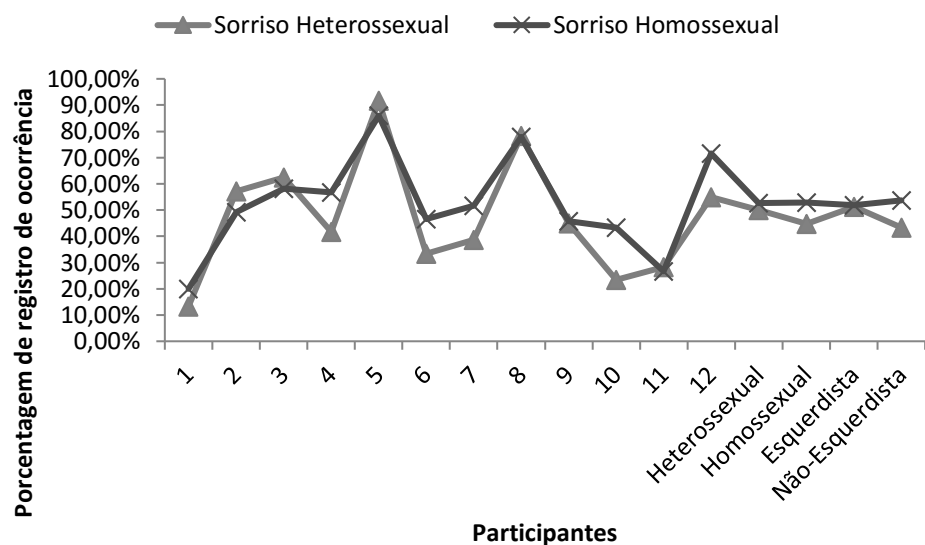


Figura 1. Porcentagem de sorrisos e movimentos irregulares na cadeira em relação aos confederados heterossexual e homossexual.

Acerca da porcentagem de intervalos em que os participantes sorriram para os confederados, nota-se pouca diferença no comportamento dos participantes em sete dos

12 casos analisados (P1, P2, P3, P5, P8, P9, P11). Maiores diferenças podem ser observadas no caso de P4, P6, P7, P10, P12, cujos dados revelam maior tempo sorrindo para o confederado homossexual, não sendo, portanto, indicativos de preconceito contra essa população.

Quando considerados os resultados dos movimentos irregulares dos participantes diante dos confederados, nota-se que, para a metade da amostra, houve diferença superior a 10% na porcentagem de intervalos em que foram observados movimentos irregulares frente aos confederados, sendo em três casos observada maior movimentação diante do confederado homossexual (P6, P8 e P9) e, nos outros três (P5, P11 e P12), diante do confederado hétero. Para os demais participantes, as diferenças de movimentação irregular frente aos confederados foram pequenas ou inexistentes.

A Tabela 3 apresenta uma análise da correspondência entre as medidas indicativas do comportamento amistoso do participante, assim como de sua proximidade/afastamento aos confederados, além da escolha por um deles para assumir uma suposta bolsa de mestrado.

Para compor as medidas de comportamento amistoso dos participantes frente aos confederados, foi calculada, para cada participante, a diferença na porcentagem de intervalos sorrindo e movimentando-se na cadeira durante as entrevistas feitas com o confederado homo e heterossexual. O maior número de intervalos sorrindo foi entendido como indicativo de comportamento mais amistoso (heteropositivo ou homopositivo) frente ao confederado, enquanto maiores índices de movimentação foram interpretados como um possível sinal de desconforto. O valor disposto na terceira e quarta colunas indicam tanto o tamanho da diferença observada no comportamento dos participantes frente aos confederados, quando se essa diferença sugeriria um comportamento mais

(valor positivo) ou menos (valor negativo) amistoso dirigido ao confederado homossexual.

Na quinta e sexta coluna da Tabela 3, pode-se ainda acompanhar os dados de aproximação (valores positivos) ou afastamento (valores negativos) físico de cada participante aos confederados; e a quinta coluna especifica sua escolha final por um dos candidatos para assumir uma bolsa de mestrado. Enquanto aproximação física ao confederado foi tomada como indicativa de aceitação, o afastamento da cadeira foi aqui interpretado como uma possível rejeição ao confederado. Deve-se considerar, no entanto, que tais comportamentos podem variar devido a outros fatores não assumidos aqui, sendo, portanto, necessário avaliar a correspondência entre as diferentes medidas explícitas para aumentar a confiança na interpretação dos dados. No caso dessa avaliação, foram consideradas indicativas de preconceito apenas mudanças na posição da cadeira superiores a 2 centímetros, visto que uma pequena movimentação acidental poderia alterar a distância avaliada. De toda forma, foram plotados os dados acerca dessa movimentação, para acompanhamento do leitor.

A sétima quinta coluna especifica sua a escolha final dos participantes por um dos candidatos para assumir uma bolsa de mestrado. Ainda que tal medida fosse, talvez, a que o participante poderia estar mais consciente de revelar suas preferências ou preconceitos, toptou-se por considerá-la como relevante no caso de divergência entre as medidas explícitas, já que seria o comportamento que produziria um impacto direto na vida dos confederados em relação ao acesso a recursos econômicos.

Tabela 3

Correspondência entre Diferentes Medidas Explícitas Não Verbais

Participante	Or. Política	Sorriso	Movimento Irregular	Cadeira HM	Cadeira HT	Escolha	Tendência
1	Não esquerdista	6,30%	1,67	-17	0	Homossexual	Homopositivo/Heteronegativo
2	Não esquerdista	-7,99%	-2,71%	0	0	Heterossexual	Heteropositivo/Homonegativo
3	Não esquerdista	4,36%	3,68	-2	0	Homossexual	Homopositivo/Heteronegativo
4	Esquerdista	15,00%	6,67	0	-15	Homossexual	Homopositivo/Heteronegativo
5	Não esquerdista	-4,71%	13,51	0	0	Homossexual	Homopositivo/Heteronegativo
6	Esquerdista	13,34%	-29,00%	13	0	Homossexual	Homopositivo/Heteronegativo
7	Esquerdista	13,07%	-0,87%	0	0	Homossexual	Homopositivo/Heteronegativo
8	Esquerdista	-0,36%	-21,19%	1	2	Heterossexual	Homonegativo/Heteropositivo
9	Esquerdista	0,76%	-13,96%	0	0	Homossexual	Homopositivo/Heteronegativo
10	Esquerdista	20%	-3,33%	0	0	Homossexual	Homopositivo/Heteronegativo
11	Não esquerdista	11,66%	11,66%	-3	-6,5	Homossexual	Heteronegativo/Homopositivo
12	Não esquerdista	16,67%	11,67%	0	0	1.º Homossexual/2.º Heterossexual	Heteronegativo/Homopositivo

Uma análise da Tabela 3 permite acompanhar que, para sete participantes do presente estudo (P1, P2, P3, P4, P8, P11 e P12), as duas medidas de comportamento amistoso (porcentagem de intervalos sorrindo e de movimentação involuntária) em relação aos confederados foram correspondentes, apresentando ambas valores positivos ou negativos, tal como disposto nas terceira e quarta colunas da tabela. O mesmo não aconteceu no caso dos cinco participantes restantes (P5, P6, P7, P9, P10), cujo valor foi positivo em um caso e negativo em outro, o que impossibilita afirmar que o comportamento amistoso tenha sido especialmente dirigido a um dos confederados. Em seis dos sete casos em que houve correspondência entre as duas medidas do comportamento amistoso, pode-se observar que a escolha posterior do participante foi pelo mesmo candidato a que o participante teria demonstrado comportamento mais amistoso, exceção feita a P12.

Medidas de comportamento amistoso não foram, no entanto, confirmadas pelas medidas de aproximação ou afastamento de cadeira (Figura 2) em dois desses casos (P1 e P3). Deve-se atentar, no caso de P3, que o afastamento da cadeira foi de apenas 2 cm, o que pode sugerir um movimento acidental, o que também poderia ter acontecido com P8. Maiores valores de movimentação da cadeira foram observados no caso de P1, P4 e P6 e P11. Nesses casos, a movimentação da cadeira foi correspondente com a escolha posterior do participante em três casos, exceção feita a P1.

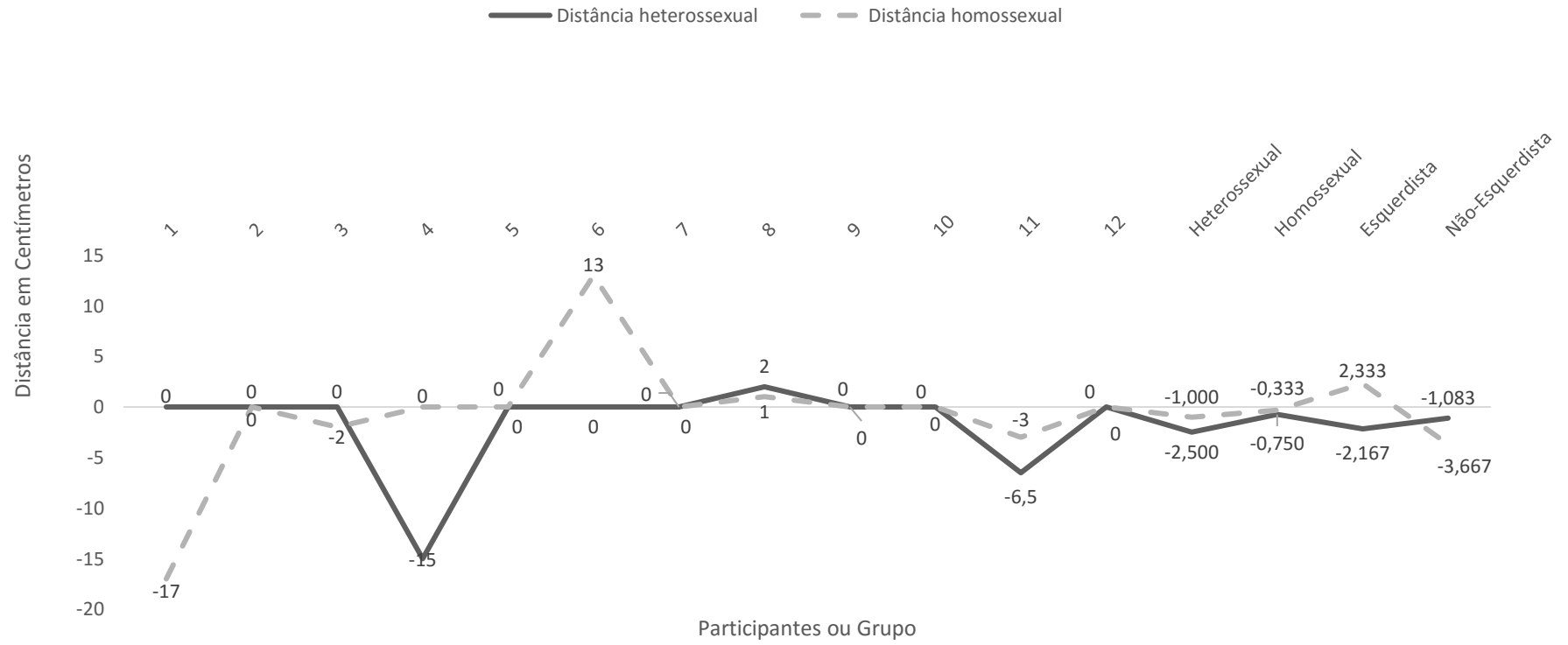


Figura 2. Distância dos participantes em relação aos confederados heterossexual e homossexual.

Quando consideradas isoladamente as diferentes medidas explícitas, a porcentagem de tempo sorrindo para cada confederado foi a que mais se relacionou com a posterior escolha do participante pelo confederado, o que pode ser visto em 10 dos 12 participantes avaliados (P1, P2, P3, P4, P6, P7, P8, P9, P10, P11). A movimentação irregular na cadeira relacionou-se com a escolha do confederado em oito casos (P1, P2, P3, P4, P5, P8 e P11), enquanto a aproximação ou afastamento da cadeira foi pouco frequente e, quando existiu, esteve relacionada com a escolha posterior do participante em apenas quatro casos (P4, P6, P9 e P11).

Apesar disso, optamos, na presente pesquisa, por identificar quais medidas apresentaram maior correspondência e importância (por exemplo: atribuir a um dos confederados a bolsa de mestrado, que normalmente é correspondente com a distância da cadeira e o sorriso). A medida escolhida para se definir com maior segurança a amistosidade do participante foi a escolha entre um dos confederados. Com isso, observa-se que nove participantes foram interpretados como homopositivos ou heteronegativos e três como heteropositivos ou homonegativos.

Uma síntese dos resultados da primeira etapa da avaliação parece, assim, indicar que apenas em quatro dos 12 casos avaliados houve total correspondência entre os dados das diferentes medidas explícitas (P2, P4, P8 e P11). O dado sugere não serem facilmente detectáveis comportamento indicativos de preferência ou rejeição aos confederados, o que resulta em desafios aos pesquisadores interessados na área. No caso dos participantes que apresentaram correspondência, nota-se que dois (P2 e P4) seriam do grupo que se declararam homossexuais e dois do grupo declarado hétero (P8 e P11). A escolha dos confederados, no entanto, não parece ter uma relação direta com a própria orientação sexual dos participantes, já que o confederado hétero foi escolhido por P2 e P8 (declarados homo e heterossexual, respectivamente), enquanto o confederado homo teria

sido escolhido por P4 e P11 (também declarados como homo e heterossexual, respectivamente). De mesma forma, não foi observada relação direta entre a orientação política dos participantes e a escolha dos confederados, no caso dos quatro participantes que apresentaram maior correspondência entre as medidas explícitas.

Quando conduzida uma análise dos resultados dos grupos de orientação política e sexual distintas acerca do comportamento amistoso e de aproximação observados frente aos confederados, nota-se que a orientação política esteve mais relacionada com indicativos de rejeição ao confederado homossexual do que a orientação sexual dos participantes do grupo, conforme observado na Tabela 4.

Uma primeira análise dos resultados da Tabela 4 revela que todos os resultados que indicam a tendência central de comportamento do grupo foram positivos nos grupos das diferentes orientações sexuais, indicando maior amistosidade ao confederado homossexual do que para o hetero, e enquanto nos grupos de orientação política pode-se notar a presença de valores negativos no grupo de participantes não esquerdistas, indicativos, talvez, de maior desconforto frente ao confederado homossexual (distância e movimentação irregular da cadeira).

Tabela 4

Diferença de Certos Comportamentos dos Participantes frente aos Confederados Heterossexual e Homossexual de acordo com sua Orientação Sexual ou Política

	Distância heterossexual	Distância homossexual	Diferença Sorriso	Diferença Contato visual	Diferença Movimento Irregular
Heterossexual	0	0	6,19%	0,00%	2,19%
Homossexual	0	0	6,92%	0,00%	2,11%
Esquerdista	0	0	13,20%	0,00%	8,64%
Não esquerdista	0	-1	2,02%	0,00%	-5,00%

Na Tabela 4, observa-se que não há praticamente diferença no valor da tendência central (média) dos grupos heterossexual e homossexual em todos os comportamentos avaliados (distância do heterossexual e homossexual, quantidade de sorriso, contato visual e movimento irregular).

Apesar disso, a média é apenas um valor que representa um dado grupo. Para assegurar que houve uma diferença relevante, é necessário aplicar um teste estatístico, sendo escolhido pela presente pesquisa o teste t de Student, comum em situações de avaliação não paramétrica. O teste t formula uma hipótese nula e uma hipótese alternativa, quando não conhecemos a variância de um determinado grupo. Se a probabilidade desse resultado ter ocorrido for muito pequena (na presente pesquisa abaixo de 0,05), podemos concluir que o resultado observado é estatisticamente relevante. Com isso, podemos ter que, apesar da média do grupo não ter se diferenciado tanto de um valor para o outro, existe uma diferença dos valores produzidos pelo grupo em relação a 0 que não é possível ser identificada apenas pelo valor da média, já que o valor t considera cada valor de um grupo, e a média apenas o valor central desse grupo.

O grupo homossexual foi identificado com um valor t inferior a 0,05 (0,047) na análise de seu comportamento em relação a 0. Como todos os resultados foram positivos, os participantes de ambos os grupos sorriram mais para o candidato homossexual do que para o heterossexual e movimentaram-se mais irregularmente para o candidato heterossexual do que para o homossexual, dessa forma, o grupo homossexual apresentou viés sexual heteronegativo. O grupo heterossexual não apresentou t abaixo de 0,05, portanto foi considerado neutro em relação ao viés sexual.

Por outro lado, conforme observa-se na Tabela 4, a tendência central do grupo não esquerdista apontou menos amigabilidade com os confederados homossexuais do que os de esquerda. Na diferença de sorrisos, houve uma tendência maior dos não

esquerdistas de sorrirem menos para os confederados homossexuais do que os esquerdistas e apresentarem maior distância entre as cadeiras dos confederados homossexuais, movimentando-se mais irregularmente do que os esquerdistas.

Aplicando-se o teste t de Student, entretanto, quando divididos por meio de sua orientação sexual, os grupos esquerdista e não esquerdista apresentaram valores acima de 0,05; portanto, neutros para viés sexual.

A Tabela 5 ilustra os resultados da escolha antes ou após a entrevista dos grupos hetero e homossexual sobre qual dos confederados deveria assumir uma bolsa de mestrado, o que seria, talvez, a medida explícita mais facilmente discriminada, pelos próprios participantes, como reveladora de suas preferências entre os confederados. A tabela ilustra também qual dos confederados teria sido indicado para receber a bolsa (A ou B) e se a escolha do participante teria sido pelo confederado que realizou a primeira ou segunda entrevista conduzida durante a Fase 1.

Tabela 5

Escolha de Cada Participante em relação a Cada Confederado, sua Orientação Sexual e Ordem na qual Realizaram a Entrevista

Participante	Or. Sexual	Política	Escolha HTHM	Escolha A/B	Escolha OR	Momento Escolha
1	Heterossexual	Não esquerdista	Homossexual	B	Segunda	Depois
2	Heterossexual	Não esquerdista	Heterossexual	B	Segunda	Depois
3	Heterossexual	Não esquerdista	Homossexual	A	Segunda	Depois
4	Heterossexual	Esquerdista	Homossexual	A	Segunda	Depois
5	Heterossexual	Não esquerdista	Homossexual	B	Segunda	Antes e Depois
6	Heterossexual	Esquerdista	Homossexual	A	Segunda	Antes e Depois
7	Homossexual	Esquerdista	Homossexual	B	Segunda	Depois
8	Homossexual	Esquerdista	Heterossexual	B	Segunda	Depois
9	Homossexual	Esquerdista	Homossexual	B	Segunda	Antes e Depois
10	Homossexual	Esquerdista	Homossexual	B	Primeira	Antes e Depois
11	Homossexual	Não esquerdista	Homossexual	B	Segunda	Antes e Depois
12	Homossexual	Não esquerdista	1.º Homossexual/2.º Heterossexual	B/A	Segunda/Primeira	Antes e Depois

Uma análise dos dados dispostos na Tabela 5 permite identificar que a maior parte (nove de 12 participantes) dos grupos hétero e homossexual escolheu que os confederados homossexuais recebessem a bolsa de estudo, o que indica novamente que a escolha dos confederados parece ter sido independente da orientação sexual dos próprios participantes. No grupo de heterossexuais, apenas um participante teria escolhido o confederado hétero, enquanto, no grupo de homossexuais, dois participantes teriam feito essa escolha, sendo que um alterou tal escolha após a realização das entrevistas.

A fim de avaliar se as escolhas dos participantes dos grupos poderiam estar sob controle menos da orientação sexual dos candidatos e mais de outras características pessoais dos confederados ou da ordem em que as entrevistas foram conduzidas ao longo do estudo, foram também avaliadas a distribuição das escolhas dos grupos entre os confederados A e B e se tal escolha teria sido pelo confederado que realizou a primeira ou a segunda entrevista da Fase 1. Tal análise permitiu identificar que, enquanto no grupo heterossexual, a escolha entre os confederados A e B foi igualmente distribuída, o confederado B foi escolhido com maior frequência entre os participantes do grupo de homossexuais. Quando avaliada a escolha entre os confederados que realizaram as duas entrevistas, nota-se também que, em ambos os grupos, os confederados que haviam realizado a segunda entrevista foram mais escolhidos do que os que realizaram a primeira.

Uma vez que, ao longo da Fase 1, o experimentador teria notado que as escolhas dos participantes vinham sendo dirigidas ao candidato B, ou ao candidato que realizava a segunda entrevista, optou-se por alterar, a partir de então, o momento da escolha por um dos confederados, que passou a ser exigida antes e depois das entrevistas, tal como indicado na última coluna da Tabela 5. Nesse caso, entendeu-se que as escolhas

realizadas antes das entrevistas estariam sob controle exclusivo das informações dispostas no currículo de cada confederado (apêndices VI e VII), e não de outras características pessoais dos confederados ou da ordem em que as entrevistas eram realizadas. Isto ocorreu com seis dos participantes, cujos dados foram contabilizados na Tabela 5.

Após a manipulação na ordem em que as escolhas dos confederados passou a ser exigida, nota-se que os participantes do grupo heterossexual continuou a escolher o candidato homossexual, que teria realizado a segunda entrevista, o que pareceu independente de outras características pessoais do confederado, já que um dos participantes do grupo escolheu pelo confederado A e outro pelo B. No grupo de participantes homossexuais, foi observada que tal manipulação não resultou em mudança no padrão de escolha pelo confederado B, ou pelo candidato que realizou a segunda entrevista, com exceção de P12, que teria alterado suas escolhas após a realização das entrevistas.

Deve-se, então, notar que os participantes que haviam realizado suas escolhas antes das entrevistas o teriam feito sob controle exclusivo dos dados dispostos no currículo dos confederados (que dispunha dados relativos sua orientação sexual e grupos de apoio) e não de outras características pessoais dos entrevistados ou da ordem das entrevistas, que, naquele momento, ainda não haviam sido realizadas. A manutenção do padrão de escolhas dos grupos pelos confederados homossexuais poderia, então, sugerir que a orientação sexual dos confederados e seu apoio a grupos de causas homossexuais possa ter sido a variável relevante para escolha do candidato para o recebimento da bolsa de estudos, indicando novamente não haver preconceito dirigido a essa população tanto no grupo de homo quanto de heterossexuais.

Em relação à orientação política dos participantes há pouca diferença entre os dois grupos (esquerdistas e não esquerdistas), mudando apenas o resultado de quem escolheu o confederado que realizou a primeira ou segunda entrevista – que, no caso dos não esquerdistas, todos escolheram quem fez a segunda; e, no caso dos esquerdistas, cinco dos seis fizeram essa escolha. Nos demais critérios, cinco de seis participantes de ambos os grupos escolheram o candidato homossexual e o confederado B em quatro das seis vezes.

Quando os participantes foram solicitados a fazer a escolha antes da entrevista, os participantes de ambos os grupos (esquerdistas e não esquerdistas) escolheram o candidato homossexual para receber a bolsa de mestrado. A maior parte dos candidatos escolheu o confederado B (no caso dos esquerdistas, dois participantes; e, no caso dos não esquerdistas, todos os participantes), e a maior parte escolheu o candidato que conduziu posteriormente a segunda entrevista (no caso dos esquerdistas, dois participantes; e, no caso dos não esquerdistas, todos os participantes).

Variáveis que Podem Ter Controlado os Resultados Durante as Avaliações

A Tabela 6 ilustra uma análise global das escolhas de todos os candidatos por momento da escolha (antes, representado como primeira escolha, ou depois da entrevista, representado como segunda escolha). A tabela revela que antes da entrevista 100% dos participantes escolheram o candidato homossexual, indicando que a variável orientação sexual teria sido, possivelmente, a que controlou os participantes a escolha, já que nesse momento não teria ainda havido contato com os confederados. Nos casos em que a escolha foi realizada depois das entrevistas nota-se que, também, candidatos homossexuais foram mais indicados para bolsa de mestrado, o que sugere não ter havido preconceito sexual dirigido para essa população nos grupos de orientação sexual distintas.

Tabela 6

Comparação da Primeira e Segunda Escolhas em relação ao Confederado A e B, sua Orientação Sexual e Primeira ou Segunda Entrevistas

	Heterossexual	Homossexual	A	B	1 ^a	2 ^a
Primeira escolha	0 (0%)	6 (100%)	1 (17%)	5 (83%)	1 (17%)	5 (83%)
Segunda escolha	3 (25%)	9 (75%)	4 (33%)	8 (67%)	2 (17%)	10 (83%)

Outro dado que chama a atenção é que o confederado B foi o mais escolhido tanto quando a escolha foi anterior quando posterior às entrevistas, o que pode ter ocorrido por diversos motivos como aparência física do participante (observada pessoalmente durante a interação ou a partir da foto de seu curriculum), comportamento verbal ou não verbal do confederado durante as entrevistas, dentre outras variáveis estranhas.

Quanto à ordem em que foram realizadas as entrevistas, nota-se que os confederados que realizaram a segunda entrevista foram mais escolhidos do que os que realizaram a primeira. Nos casos em que a escolha foi realizada antes da entrevista, no entanto, o dado sugere que não seria essa a variável determinante da escolha do grupo. Nesse caso, nota-se que o confederado homossexual teria sido escolhido tanto quanto a entrevista com ele foi a primeira quanto quando foi a segunda entrevista realizada.

Outra variável que deve ser levada em consideração é a própria seleção dos participantes, que são em sua maioria universitários, e ainda que se declarem como não esquerdistas, incluímos também no grupo pessoas de orientação política de centro ou centro-direita. O conservadorismo político dos participantes também não foi mensurado por meio de entrevistas ou questionários, diferente de outros estudos que avaliaram o posicionamento político nas pesquisas apontadas por Martins e Almeida (no prelo).

Preconceito Sexual na Medida Implícita

A Figura 3 representa os resultados acerca de viés sexual dos diferentes grupos de participantes, divididos em relação a sua orientação sexual e política. Na ordenada, observa-se o valor do D-IRAP, que varia de -2 a 2, enquanto, na abscissa, observa-se o tipo de relação formada dispondo-se os estímulos modelos “homem heterossexual” ou “homossexual” e estímulos com valor social “positivo” ou “negativo”, em afirmações que deveriam ser avaliadas pelos participantes como verdadeiras ou falsas.

Quanto mais positivo o valor na primeira e quarta barras, mais a afirmação “homem heterossexual-positivo” ou “homem homossexual negativo” foi respondida rapidamente. Quanto mais negativos os valores do D-IRAP nestas relações, menor a latência da resposta dos participantes para “falso”. Para a segunda e terceira barras, quanto mais negativo é o valor do D-IRAP, mais rapidamente o participante respondeu também para verdadeiro em “homem heterossexual ruim” e “homem homossexual bom”; e quanto mais positivos os valores menor a latência responder como “falso para essas relações”.

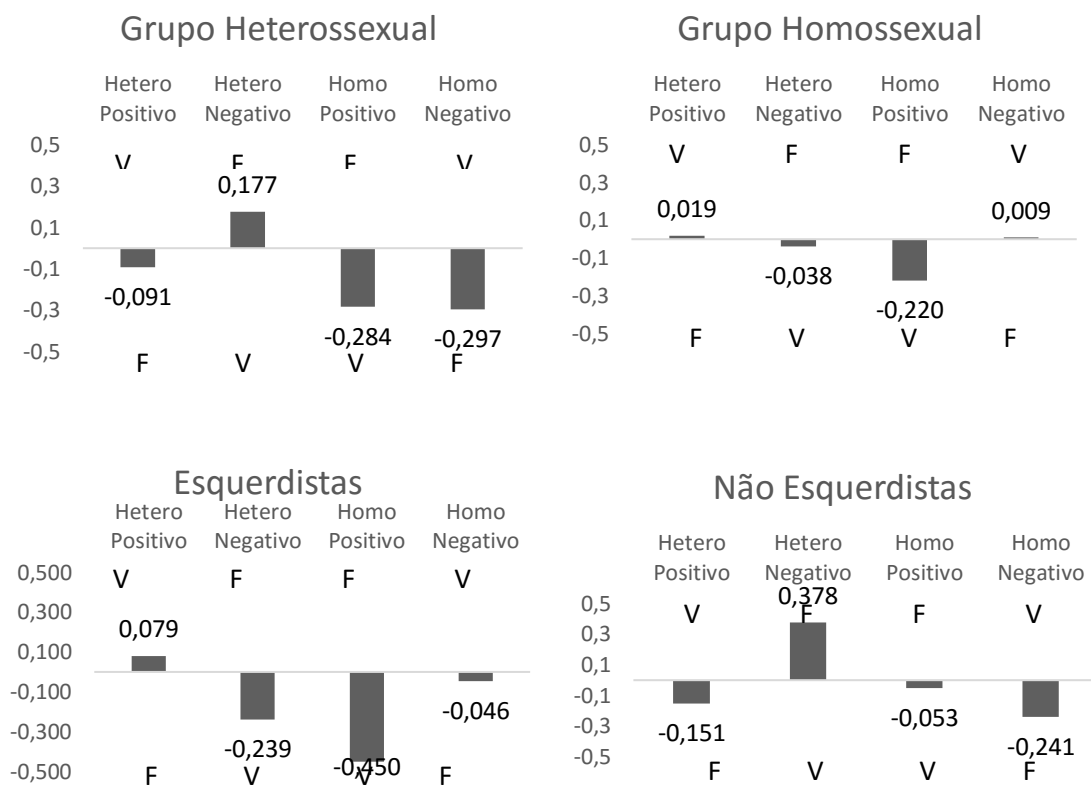


Figura 3. Viés sexual observado pela avaliação do IRAP nos diferentes grupos.

A Figura 3 permite observar que no grupo heterossexual que os participantes responderam com menor latência para relação entre “homem heterossexual” com atributos positivos como uma afirmação falsa; assim como responderam com menor latência nas tentativas que descreviam ser falsa a relação entre heterossexuais e atributos negativos. O dado sugere não haver preconceito dirigido contra a população heterossexual, assim como também se pode notar ausência de heteropositividade entre os participantes desse grupo. Uma análise da terceira e quarta relações indicam, por sua vez, ausência de viés sugestivo de preconceito contra a população homossexual entre os participantes do grupo hétero. Na terceira relação, os participantes desse grupo responderam mais rapidamente a verdadeiro para relações entre homens homossexuais e atributos positivos e também com menor latência às tentativas indicando ser falsa a

relação entre homem homossexual e atributos negativos. O dado sugere não haver qualquer viés de preconceito contra a população homossexual nesse grupo.

A partir da análise estatística do teste t, identificou-se que t foi maior do que 0,05 em todas as relações avaliadas no caso do grupo heterossexual, o que confirma ausência de viés heteronegativo ou homonegativo para esse grupo.

Quando avaliados os resultados do grupo de homossexuais, a relação “homem heterossexual” relacionada a estímulos positivos foi ligeiramente mais rápida quando os participantes clicaram em verdadeiro, havendo, por outro lado, menor latência nas tentativas que indicavam como verdadeira a relação entre “homem heterossexual” com atributos negativos. O dado indica uma possível heteronegatividade do grupo homossexual avaliado na presente amostra. A menor latência observada dentro o grupo foi em tentativas que descreviam como verdadeira a relação entre homem homossexual com atributos positivos, sugerindo uma possível homopositividade, embora, tenham sido também observadas latências ligeiramente menores do que 0 em tentativas que afirmavam como verdadeira a relação entre homem homossexual com atributos negativos.

Embora os dados sugiram uma possível homopositividade no grupo de participantes homossexuais, nenhuma das relações avaliadas pelo IRAP foi indicativo de viés sexual, conforme demonstrado pelo teste estatístico (nenhuma relação apresentou resultado inferior a 0,05).

Em relação a orientação política dos participantes, o grupo de esquerdistas tinha respondido com menor latência nas tentativas que estabeleciam como verdadeira a relação entre “homem heterossexual” e atributos positivos, assim como para tentativas que descreviam como verdadeira a relação entre “homem heterossexual” com atributos negativos. Quando relacionados os estímulos homem homossexual com atributos

positivos, a resposta foi mais rápida para tentativas que descreviam tal relação como verdadeira, assim como menor latência teria sido, também, observada nas tentativas que descreviam como falsa a relação entre homem homossexual com atributos negativos. Embora uma inspeção visual da figura pareça indicar heteronegatividade e homopositividade dentre os participantes esquerdistas, novamente, não houve diferença estatística significativa para os resultados desse grupo ($t > 0,05$), que indicassem viés de preconceito sexual em nenhuma das relações.

No grupo de não esquerdistas, por sua vez, menor latência de respostas foi observada nas tentativas que afirmavam ser verdadeira a relação entre “homem heterossexual” e estímulos positivos, e falsa a relação entre homem heterossexual e atributos negativos. Também foram observadas menores latências nas tentativas que descreviam ser verdadeira a relação entre homem homossexual com estímulos positivos, e falsa a relação entre homem homossexual com atributos negativos, indicando ausência de viés sexual também para esse grupo.

Os participantes não esquerdistas apresentaram uma diferença estatisticamente significativa ($t = 0,006$) entre os dados que considerariam a hipótese nula ou indicativa de viés sexual, quando analisadas as tentativas que descreviam a relação entre homem heterossexual e atributos negativos. Nessa relação, os participantes responderam com menor latência nas tentativas que descreviam a relação como falsa, sugerindo ausência de preconceito contra essa população. Os resultados das análises dos grupos parecem indicar, assim, ausência de viés de preconceito hetero ou homossexual nos diferentes grupos, confirmada pelo teste estatístico aplicado.

A análise das latências avaliadas nas diferentes relações foi conduzida também para cada participante, de forma a indicar a existência (ou não) de um viés sexual de preconceito dirigido individualmente à população hetero ou homossexual (Tabela 7).

Tabela 7

Valores Obtidos no IRAP em Cada Tipo de Relação Formada por Cada Participante

Participante	Orientação Sexual	Política	Hétero + >0	Hétero – < 0	Homo + < 0	Homo – > 0	Tendência
1	Heterossexual	Não esquerdista	-0,267	0,74	0,062	-0,829	Neutro
2	Heterossexual	Não esquerdista	0,44	0,283	0,661	-0,509	Hétero +
3	Heterossexual	Não esquerdista	-0,801	0,452	-0,376	-0,517	Homo +
4	Heterossexual	Esquerdista	0,329	-0,679	-0,805	0,012	Homo + e Hetero-
5	Heterossexual	Não esquerdista	-0,42	-0,008	-0,686	0,033	Homo + e Hetero-
6	Heterossexual	Esquerdista	0,172	0,272	-0,558	0,031	Homo + e Hetero+
7	Homossexual	Esquerdista	0,495	0,514	0,825	0,635	Homo –
8	Homossexual	Esquerdista	0,22	-0,111	-0,363	0,099	Homo + e Hetero+
9	Homossexual	Esquerdista	-1,29	-1,111	-1,392	-1,326	Homo + e Hetero-
10	Homossexual	Esquerdista	0,549	-0,32	-0,408	0,272	Hétero + e Homo+
11	Homossexual	Não esquerdista	0,262	0,349	0,46	0,016	Hétero + e Homo-
12	Homossexual	Não esquerdista	-0,122	0,452	-0,439	0,361	Homo +

(continua)

(continuação)

Média:	Heterossexuais	-0,091	0,177	-0,284	-0,297
	Homossexuais	0,019	-0,03783	-0,22	0,0095
	Esquerdistas	0,079	-0,239	-0,450	-0,046
	Não esquerdistas	-0,151	0,378	-0,053	-0,241
Teste T (se $t < 0,05$, a diferença é significativa):	Heterossexuais	0,33192	0,20691	0,1322	0,0538
	Homossexuais	0,4742	0,44364	0,2603	0,4872
	Esquerdistas	0,22551	0,0065	0,4092	0,1219
	Não esquerdistas	0,39451	0,18716	0,0955	0,4361

Para condução dessa análise foram consideradas, separadamente, a resposta dos participantes acerca de cada uma das relações avaliadas, sendo considerado viés de preconceito contra a população heterossexual menores latências em afirmações que indicassem ser verdadeira a relação entre heterossexual e atributos negativos, e falsa a relação com atributos positivos. No caso de homossexuais, foi considerado viés de preconceito respostas que, de mesma forma, apresentassem menor latência em afirmações que indicassem ser verdadeira a relação entre homossexual e atributos negativos, e falsa a relação com atributos positivos.

Para cada participante foi, então estimada a tendência heteropositiva/negativa ou homopositiva/negativa, a partir das relações avaliadas, o que pode ser conferido na última coluna da Tabela 7. Abaixo de cada relação estão indicados os valores (>0 ou <0) considerados para afirmar uma relação como verdadeira. Em negrito estão os valores que indicam que as relações estabelecidas foram consideradas verdadeiras para cada participante.

A Tabela 7 apresenta os resultados individuais dos participantes (quarta a sétima colunas das linhas 1 a 12), os valores da média de cada grupo (quarta a sétima colunas das linhas décima terceira a décima-sexta) bem como o valor do teste t para cada grupo (quarta a sétima colunas das linhas décima-sétima a vigésima).

Uma primeira análise da Tabela 7 permite acompanhar que para cinco dos 12 participantes do estudo, as medidas implícitas obtidas a partir do IRAP não foram totalmente correspondentes entre si (ausência de correspondência intramedida), indicando ao mesmo tempo tanto hétero (ou homo) positividade quanto hétero (ou homo) negatividade. Isso aconteceu no caso de P4, P5, P6, P8, P9, P10 e P12. No caso de divergência entre as medidas relacionadas ao mesmo grupo de orientação sexual (heterossexuais ou homossexuais), que indicassem, por exemplo, que um mesmo

participante teria respondido com tendências opostas de heteropositividade e heteronegatividade, optou-se por identificar a relação com o valor mais distante de zero para interpretar a tendência de resposta de cada participante, uma vez que corresponderia às relações cujo o participante teria respondido com a menor latência dentre as duas relações avaliadas.

A primeira relação apresentou uma tendência neutra apenas para os participantes P1, P3, P5, P9 e P12, já que estes participantes apresentaram a resposta falsa mais rápida do que a verdadeira quando relacionados os estímulos “homem heterossexual” com estímulos positivos. Os demais (P2, P4, P6, P7, P8 e P10) foram considerados heteropositivos, especialmente P2, P7 e P10. P4, P8, P9 e P10 apresentaram uma inclinação para heteronegatividade quando relacionaram os estímulos “homem heterossexual” com estímulos negativos porque sua resposta foi mais rápida para verdadeiro do que em falso. Na relação homem homossexual com estímulos positivos, a relação que P1, P2, P7 e P11 fizeram foi neutra, e todos os demais participantes, especialmente P4, P5 e P9, foi homopositiva. Finalmente, quando o estímulo “homem homossexual” estava relacionado com estímulos negativos, apenas P1, P2, P3 e P9 não apresentaram tendência para homonegatividade, mas destaque especial foi dado para P7, P10 e P12.

Correspondência entre a Medida Implícita e a Explícita Não Verbal durante a Avaliação do Preconceito Sexual

Na presente seção será avaliada a correspondência entre os dados da medida explícita não verbal e a medida implícita obtida a partir do IRAP, identificada para cada participante e entre os grupos de participantes.

A Tabela 8 reúne os dados dos participantes extraídos durante Fase 1 e Fase 2 do estudo. Durante a Fase 1, as medidas explícitas do comportamento dos participantes

representam a escolha por um dos confederados para recebimento da bolsa de estudos, o que poderia estar ou não correlacionada ao comportamento amistoso observado frente ao confederado escolhido. Durante a Fase 2, a avaliação das latências nas diferentes tentativas foram tomadas como indicativas de hetero (ou homo) positividade ou hetero (ou homo) negatividade, sendo indicadas na Tabela 8 (em letras maiúsculas) as relações a que os participantes responderam com menor latência dentre as quatro relações testadas. Para fins da análise de correspondência, essas foram as relações tomadas para comparação com as medidas explícitas não-verbais.

Os participantes P2, P4, P8 e P11 tiveram correspondência intramedida (i. e., da medida com ela mesma) na medida explícita não verbal em todos os casos; portanto, nossa análise individual começará por eles.

Tabela 8

Correspondência entre os Diferentes Tipos de Medida (Intermedida) para Cada Participante

Part.	Or. Sexual	Política	Medida Explícita Não Verbal	Medida Implícita	Correspondência
1	Heterossexual	Não esquerdista	Homopositivo/ Heteronegativo	Neutro	N
2	Heterossexual	Não esquerdista	Heteropositivo/ Homonegativo	Hétero +	S
3	Heterossexual	Não esquerdista	Homopositivo/ Heteronegativo	Homo +	S
4	Heterossexual	Esquerdista	Homopositivo/ Heteronegativo	Homo + e Hetero-	S
5	Heterossexual	Não esquerdista	Homopositivo/ Heteronegativo	Homo + e Hetero-	S
6	Heterossexual	Esquerdista	Homopositivo/ Heteronegativo	Homo + e Hetero+	S
7	Homossexual	Esquerdista	Homopositivo/ Heteronegativo	Homo –	N

8	Homossexual	Esquerdista	Heteropositivo/ Homonegativo	Homo + e Hetero+	P
9	Homossexual	Esquerdista	Homopositivo/ Heteronegativo	Homo + e Hetero-	S
10	Homossexual	Esquerdista	Homopositivo/ Heteronegativo	Hétero + e Homo+	P
11	Homossexual	Não esquerdistas	Homopositivo/ Heteronegativo	Hétero + e Homo-	N
12	Homossexual	Não esquerdistas	Homopositivo/ Heteronegativo	Homo +	S

Partindo-se da perspectiva de que a relação medida que indica a menor latência de resposta seria a que determina o tipo de relação mais fortemente estabelecida para cada participante, pudemos observar na Tabela 8 que em sete de doze participantes avaliados, haveria correspondências total entre as medidas explícitas e implícitas avaliadas, exceção a P1, P7, P8, P10 e P11). No casos de P8 e P10 seria possível assumir, no entanto, uma convergência parcial entre as medidas, já que o IRAP teria indicado, respectivamente, heteropositividade ou homopositividade como segunda relação entre estímulos com menor latência, o que corresponde com a escolha pelos confederados para o recebimento da bolsa (medida explícita)

Em quatro dos cinco casos em que não houve correspondência total entre as medidas explícitas e implícitas, nota-se que os participantes pertenciam ao grupo de homossexuais, exceção feita à P1. Interessante notar que enquanto o IRAP indicava uma relação neutra (P1), homonegativa (P7) ou heteropositiva (P10 e P11) como a relação com menor latência dentre as demais, a escolha pelo confederado para recebimento da bolsa de estudos foi pelo candidato homossexual, no caso de P7, P10 e P11, ou seja, por alguém do grupo de referência desses participantes.

Quando considerados os dados de grupo, heterossexuais e homossexuais apresentaram-se sem diferença estatisticamente significativa na medida implícita, sendo considerados, portanto, neutros em relação ao viés sexual. Já em relação à medida

explícita não verbal, houve diferença estatisticamente significativa apenas no grupo homossexual ($t = 0,047$), apresentando heteronegatividade em relação a porcentagem de sorrisos. Esta diferença, entretanto, ocorreu apenas em relação ao sorriso, não houve correspondência entre outras medidas explícitas, e também não houve convergência deste resultado em relação à medida implícita, tornando este resultado com menor confiabilidade.

Já em relação à orientação política, quando divididos entre esquerdistas e não-esquerdistas, a única diferença estatisticamente significativa foi no grupo não-esquerdistas para uma relação sem viés (resposta mais rápida para falso quando o estímulo “homem heterossexual” estava relacionado com estímulos negativos). Já na medida explícita não-verbal, não houve diferença significativa deste mesmo grupo, mas sim do grupo de esquerda, que apresentou heteronegatividade ($t = 0,013$). Portanto, houve correspondência intermedida sobre a neutralidade do grupo não-esquerdistas e correspondência intermedida parcial no grupo esquerdistas em relação a algumas das medidas (exceto sorriso) para a neutralidade novamente.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivo investigar se grupos de diferentes orientações sexuais e diferentes orientações políticas apresentariam viés de preconceito sexual diferentes em relação aos estímulos homens hétero e homossexuais e identificar se haveria ou não correspondência entre medidas implícitas e medidas explícitas não verbais.

Para responder ao primeiro objetivo, foi feita uma análise em relação a dados do IRAP e dados da medida explícita não verbal, tanto a nível individual quanto grupal. A análise grupal envolveu dividir os participantes em relação à sua orientação sexual e gênero, por meio do teste estatístico t de Student. Já a análise individual apontou para qual tipo de preconceito os participantes poderiam estar mais inclinados em cada tipo de medida.

Uma análise geral dos resultados individuais ilustrou que quanto mais negativa a diferença do confederado hétero para o homossexual, maior a chance do escolher o confederado heterossexual; e quanto mais positiva, maior a chance de escolher o confederado homossexual. Quanto mais próximo o participante ficou de um confederado, maior a chance de escolha para ele quando a escolha foi realizada após a entrevista.

A escolha majoritária de todos os grupos, tanto dos participantes que fizeram a escolha antes da entrevista, quanto dos que fizeram depois da entrevista, foi dos candidatos homossexuais, sendo que quando essa escolha foi realizada antes, o controle foi claramente sob controle da orientação sexual dos participantes. Esse dado indicou que a escolha se tratava da medida mais explícita verbal da presente pesquisa, confirmando as hipóteses de Guerin (1994) sobre o controle do responder a partir da audiência. Não houve diferença entre diferentes grupos para a escolha em relação a orientação sexual.

Os participantes, quando divididos entre hétero e homossexuais, na análise da medida explícita não verbal, apresentaram uma média muito próxima, mas tomando os resultados do grupo como um todo, percebeu-se que o grupo homossexual foi identificado como heteronegativo na medida de sorriso, enquanto o heterossexual não apresentou viés, mas a presente pesquisa adotou como principal medida explícita não verbal a escolha, sendo que não houve diferença significativa em nenhum dos dois grupos, portanto, sem viés para hetero e homossexuais.

Quando divididos por orientação política, na análise da medida explícita não verbal, também não houve viés sexual na maior parte das medidas (exceção para a quantidade de sorrisos que indicou um viés) e nenhum tipo de viés para o grupo de não esquerdistas, diferentemente dos resultados esperados de acordo com Martins e Almeida (no prelo) em que seria esperado um viés homonegativo para o grupo de não esquerdistas.

A ordem da entrevista foi identificada como um problema, assim como o confederado que a realizava, sendo que o confederado B foi mais eleito do que o confederado A, possivelmente por conta do comportamento verbal ou não verbal dos confederados, aparência física, entre outras variáveis estranhas. Quando o experimentador passou a solicitar a escolha antes do início das entrevistas e passou a randomizar a ordem das entrevistas, esse controle parou de ser exercido via confederado A ou B ou entrevista 1 ou 2.

Já nas medidas implícitas, quando os participantes foram avaliados individualmente, seis dos 12 participantes apresentaram uma tendência heteropositiva na primeira relação, já que estes participantes apresentaram a resposta verdadeira mais rápida do que a falsa quando relacionados os estímulos “homem heterossexual” com estímulos positivos. Quatro participantes apresentaram uma inclinação para heteronegatividade quando relacionaram os estímulos “homem heterossexual” com

estímulos negativos. Na relação homem homossexual com estímulos positivos, a relação que oito participantes fizeram foi homopositiva. Finalmente, quando o estímulo homem homossexual estava relacionado com estímulos negativos, oito participantes apresentaram tendência a homonegatividade.

Em relação ao grupo, as medidas implícitas identificaram que quando os participantes foram divididos em relação à sua orientação sexual, nem hétero nem homossexuais apresentaram um resultado de t menor do que 0,05, indicando ausência de viés de preconceito sexual.

Por outro lado, quando separados por sua orientação política, os participantes não esquerdistas apresentaram um valor de t menor do que 0,05 quando relacionaram estímulos negativos com a palavra homem heterossexual quando a tentativa exigia a resposta falso; portanto, não houve viés heteronegativo. O grupo esquerdista não apresentou resultado acima de 0,05 e, com isso, não apresentou nenhum tipo de viés.

A convergência foi avaliada em relação aos diferentes valores dados pelo mesmo tipo de medida (convergência intramedida) e entre os valores dos diferentes tipos de medida (convergência intermedida). A convergência intramedida foi baixa quando os participantes foram avaliados individualmente e alta quando avaliados em grupos. Contrariamente, houve uma alta convergência intermedida para os resultados individuais e de grupo.

Futuras pesquisas devem solicitar a escolha dos participantes sobre os confederados antes da entrevista, sem que o participante tenha contato com eles. Outro cuidado metodológico adotado na presente pesquisa após os dados dos seis primeiros participantes foi randomizar as entrevistas em diferentes ordens (primeira entrevista-primeiro, segunda-entrevista primeiro, primeira entrevista-segundo, segunda entrevista-segundo), para evitar que o participante ficasse sob controle da ordem das entrevistas ou

dos próprios confederados. Finalmente, uma última sugestão é que as pesquisas devem buscar a maior uniformidade possível entre as entrevistas, sem que elas sejam idênticas, para evitar que o participante fique sob controle da entrevista feita, e não da orientação sexual dos confederados, e sem que a entrevista perca seu valor motivador da novidade fazendo com que o participante seja amigável apenas com quem realizou a primeira entrevista (dado este que não ocorreu no presente estudo por ter tomado tal cuidado metodológico desde a primeira entrevista).

Referências

- Abelson, R. P., & Prentice, D. A. (1989). Beliefs as possessions: A functional perspective. In A. R. Pratkanis, S. J. Breckler, & A. G. Greenwald, *Attitude structure and function* (1st. ed, Vol. 1, pp. 361-381). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Allport, G. W., & Mazal Holocaust Collection. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley Publishing Company.
- Axt, J. R., Moran, T., & Bar-Anan, Y. (2018). Simultaneous ingroup and outgroup favoritism in implicit social cognition. *Journal of Experimental Social Psychology, 79*, 275–289. doi:10.1016/j.jesp.2018.08.007
- Banse, R., Seise, J., & Zerbes, N. (2001). Implicit attitudes towards homosexuality: Reliability, validity, and controllability of the IAT. *Experimental Psychology, 48*(2), 145–160. doi:10.1026//0949-3946.48.2.145
- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Power, P., Hayden, E., Milne, R., & Stewart, I. (2006). Do you know what you really believe? Developing the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a direct measure of implicit beliefs. *The Irish Psychologist, 32*(7), 169–177.
- Bertrand, M., & Mullainathan, S. (2003). *Are Emily and Greg more employable than Lakisha and Jamal? A Field Experiment on labor market discrimination* (Working paper No. 9873). doi:10.3386/w9873
- Boysen, G. A., Vogel, D. L., & Madon, S. (2006). A public versus private administration of the implicit association test. *European Journal of Social Psychology, 36*(6), 845–856. doi10.1002/ejsp.318

- Carr, D., & Friedman, M. A. (2005). Is obesity stigmatizing? Body weight, perceived discrimination, and psychological well-being in the United States. *Journal of Health and Social Behavior*, 46(3), 244–259.
doi:10.1177/002214650504600303
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição*. (4a. ed., D. G. de Souza et al., Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho Original publicado em 1998)
- Cartwright, J. (2016). Is there a link between implicit/explicit measures of sexual prejudice and beliefs in free will? *Journal of Social and Psychological Sciences*, 9(1).
- Correia, Karyne Mariano Lira, & Borloti, Elizeu. (2013). Convivendo com o vitiligo: uma análise descritiva da realidade vivida pelos portadores. *Acta Comportamental*, 21(2), 227-240. Recuperado em 04 de fevereiro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452013000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Cullen, C., & Barnes-Holmes, D. (2008). Implicit pride and prejudice: A heterosexual phenomenon? In M. A. Morrison & T. G. Morrison (Eds.) *The psychology of modern prejudice* (pp. 195-223). Hauppauge, NY, US: Nova Science Publishers.
- Cullen, C., Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., & Stewart, I. (2009). The Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) and the malleability of ageist attitudes. *The Psychological Record*, 59(4), 591–620. doi:10.1007/BF03395683
- Dasgupta, N., & Rivera, L. M. (2006). From automatic antigay prejudice to behavior: The moderating role of conscious beliefs about gender and behavioral control.

Journal of Personality and Social Psychology, 91(2), 268–280.

doi:10.1037/0022-3514.91.2.268

De Houwer, J., & De Bruycker, E. (2007). The implicit association test outperforms the extrinsic affective Simon task as an implicit measure of inter-individual differences in attitudes. *The British Journal of Social Psychology*, 46(Pt 2), 401–421. doi:10.1348/014466606X130346

Drydakis, N. (2009). Sexual orientation discrimination in the labour market. *Labour Economics*, 16(4), 364–372. doi:10.1016/j.labeco.2008.12.003

Dymond, S. & Barnes, D. (1995). A transformation of self-discrimination response functions in accordance with the arbitrarily applicable relations of sameness, more-than, and less-than. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 64, 163-184.

Fazzano, L. H., & Gallo, A. E. (2015). Uma análise da homofobia sob a perspectiva da análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 23(3), 535–545.

doi:10.9788/TP2015.3-02

Filho, F. S. T. Homofobia e sua relação com as práticas “psi”. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (org). Caderno de diversidade Sexual do CRP SP. São Paulo: CRPSP, 2011.

Gabriel, U., Banse, R., & Hug, F. (2007). Predicting private and public helping behaviour by implicit attitudes and the motivation to control prejudiced reactions. *British Journal of Social Psychology*, 46(2), 365–382.

doi:10.1348/014466606X120400

Goff, P. A. (2005). *The space between us: Stereotype threat for whites in interracial domains*. Califórnia, Stanford University.

Goldstein, J. (1983). *Psicologia social* (1. ed, Vol. 1). Rio de Janeiro: Guanabara.

- Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. L. K. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The implicit association test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1464–1480. doi:10.1037/0022-3514.74.6.1464
- Grupo Gay da Bahia. Assassinato de Homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2017. Disponível em:
<<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>>
Acesso em: 04 fev. 2020.
- Guerin, B. (1994). Attitudes and beliefs as verbal behavior. *The Behavior Analyst*, 17(1), 155–163. doi:10.1007/BF03392661
- Hauserman, N., Walen, S. R., & Behling, M. (1973). Reinforced racial integration in the first grade: A study in generalization. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 6(2), 193–200. doi:10.1901/jaba.1973.6-193
- Hayes, S. C. & Barnes-Holmes, D. (2004). Relational operants: Processes and implications: A response to Palmers's review of Relational Frame Theory. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 82, 213-224.
- Hoffarth, M. R., & Jost, J. T. (2017). When ideology contradicts self-interest: Conservative opposition to same-sex marriage among sexual minorities: A commentary on Pinosof and Haselton (2016). *Psychological Science*, 28(10), 1521–1524. doi:10.1177/0956797617694866

- Jardim, P. H. (2018). *Análise do Comportamento e o negro no Brasil: Avaliação de um procedimento de formação de classes equivalentes de estímulos relacionadas ao viés racial em adultos negros e brancos* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Jellison, W. A., McConnell, A. R., & Gabriel, S. (2004). Implicit and explicit measures of sexual orientation attitudes: In-group preferences and related behaviors and beliefs among gay and straight men. *Personality & Social Psychology Bulletin*, *30*(5), 629–642. doi:10.1177/0146167203262076
- Jost, J. T., Banaji, M. R., & Nosek, B. A. (2004). A decade of system justification theory: Accumulated evidence of conscious and unconscious bolstering of the status quo. *Political Psychology*, *25*(6), 881–919. doi:10.1111/j.1467-9221.2004.00402.x
- Lemm, K. M. (2006). Positive associations among interpersonal contact, motivation, and implicit and explicit attitudes toward gay men. *Journal of Homosexuality*, *51*(2), 79–99. doi:10.1300/J082v51n02_05
- MacInnis, C. C., Page-Gould, E., & Hodson, G. (2017). Multilevel intergroup contact and antigay prejudice (explicit and implicit): Evidence of contextual contact benefits in a less visible group domain. *Social Psychological and Personality Science*, *8*(3), 243–251. doi:10.1177/1948550616671405
- McConnell, A. R., & Leibold, J. M. (2001). Relations among the Implicit Association Test, discriminatory behavior, and explicit measures of racial attitudes. *Journal of Experimental Social Psychology*, *37*(5), 435–442. doi:10.1006/jesp.2000.1470

- Mizael, T. M. (2015). *Estabelecimento de classes de estímulos equivalentes com estímulos significativos: Investigando a atitude racial preconceituosa* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- Mizael, T. M., & de Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis del Comportamiento*, 25(3), 365-377. Recuperado de <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/61632>
- Mizael, T. M., dos Santos, S. L., & de Rose, J. C. C. (2016). Contribuições do paradigma de equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. *Interação em Psicologia*, 20(2), 124-134. doi:10.5380/psi.v20i2.46278
- Nosek, B. A., Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (2005). Understanding and using the Implicit Association Test: II. Method variables and construct validity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31(2), 166–180. doi:10.1177/0146167204271418
- Perez, William F., Nico, Yara C., Kovac, Roberta, Fidalgo, Adriana P., & Leonardi, Jan L.. (2013). Introdução à Teoria das Molduras Relacionais (Relational Frame Theory): principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. *Perspectivas em análise do comportamento*, 4(1), 33-51. Recuperado em 04 de fevereiro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482013000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Nosek, B. A., Ranganath, K. A., Smith, C. T., Chugh, D., Olson, K. R., Lindner, N. M., . . . Hansen, J. J. (2007). Pervasiveness and correlates of implicit attitudes and

stereotypes. *European Review of Social Psychology*, 18 (1), 36–88.

doi:10.1080/10463280701489053

Pager, D. (2006). Medir a discriminação. *Tempo Social*, 18(2), 65–88.

doi:10.1590/S0103-20702006000200004

Pinsof, D., & Haselton, M. (2016). The political divide over same-sex marriage: Mating strategies in conflict? *Psychological Science*, 27(4), 435–442.

doi:10.1177/0956797615621719

Pinsof, D., & Haselton, M. G. (2017). The effect of the promiscuity stereotype on opposition to gay rights. *Plos One*, 12(7), e0178534.

doi:10.1371/journal.pone.0178534

Rohner, J. C., & Björklund, F. (2006). Do self-presentation concerns moderate the relationship between implicit and explicit homonegativity measures?

Scandinavian Journal of Psychology, 47(5), 379–385. doi:10.1111/j.1467-9450.2006.00522.x

Rönspies, J., Schmidt, A. F., Melnikova, A., Krumova, R., Zolfagari, A., & Banse, R. (2015). Indirect measurement of sexual orientation: Comparison of the Implicit Relational Assessment Procedure, viewing time, and choice reaction time tasks. *Archives of Sexual Behavior*, 44(5), 1483–1492. doi:10.1007/s10508-014-0473-1

Rowatt, W. C., Tsang, J.-A., Kelly, J., LaMartina, B., Mccullers, M., & McKinley, A. (2006). Associations between religious personality dimensions and implicit homosexual prejudice. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 45(3), 397–406. doi:10.1111/j.1468-5906.2006.00314.x

Scheel, M. H., Fischer, L. A., McMahon, A. J., Mena, M. M., & Wolf, J. E. (2011). The Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a measure of women's

- stereotypes about gay men. *Current Research in Social Psychology*, 18 (2), 263–277.
- Schuman, H., Steeh, C., Bobo, L., & Krysan, M. (1997). *Racial attitudes in America: Trends and interpretations*. Cambridge: Harvard University Press.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (11. ed). São Paulo: Martins Fontes.
- Sidman, M. (1994). *Equivalence relations and behavior: A research story*. Boston, MA: Authors Cooperative.
- Sidman, M. (2000). *Equivalence relations and the reinforcement contingency*. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 74: 127-146
doi:10.1901/jeab.2000.74-127
- Steele, D. & Hayes, S. C. (1991). *Stimulus equivalence and arbitrarily applicable relational responding*. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 56, 519-555.
- Steffens, M. C. (2005). Implicit and explicit attitudes towards lesbians and gay men. *Journal of Homosexuality*, 49(2), 39–66. *doi:10.1300/J082v49n02_03*
- Steffens, M. C., & Buchner, A. (2003). Implicit Association Test: Separating transsituationally stable and variable components of attitudes toward gay men. *Experimental Psychology*, 50(1), 33–48. *doi:10.1027//1618-3169.50.1.33*
- Stockwell, F. M. J., Walker, D. J., & Eshleman, J. W. (2010). Measures of implicit and explicit attitudes toward mainstream and BDSM sexual terms using the IRAP and questionnaire with BDSM/fetish and student participants. *The Psychological Record*, 60(1), 307–324.
- Timmins, L., Barnes-Holmes, D., & Cullen, C. (2016). Measuring implicit sexual response biases to nude male and female pictures in androphilic and gynephilic

men. *Archives of Sexual Behavior*, 45(4), 829–841. doi:10.1007/s10508-016-0725-3

Apêndice A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) de nossa pesquisa, na qual pretendemos investigar possíveis relações que a linguagem pode ter com nossos sentimentos, afetos, atitudes e crenças.

Caso você concorde em participar, faremos duas entrevistas rápidas com você sobre a religiosidade (cuja duração é de cerca de 15 minutos cada) e uma atividade no computador (cuja duração é de cerca de 30 minutos) na qual você terá que relacionar palavras com o uso de teclas do computador. Esta pesquisa não oferece riscos para você.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, e poderá receber um ingresso para o cinema, a depender de seu desempenho. Se você tiver algum dano por conta das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante

Assinatura pesquisador responsável

Em caso de dúvidas, você pode entrar em contato com o CEP – no Campus Monte Alegre que fica localizado no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br

Apêndice B**Ficha de Informações dos Participantes**

Nome completo: _____

Data de nascimento: ___/___/_____

Data da realização da pesquisa (dia de hoje): ___/___/_____

Gênero:

Masculino Feminino Trans/Não-binário

Orientação sexual:

Heterossexual Homossexual Bissexual

Outra: _____

Religião: _____

Tempo de prática religiosa:

menos de 1 ano menos de 3 anos mais de 3 anos

Frequência de prática religiosa:

menos de 1 vez por mês 1 vez por mês 2 vezes ao mês

1 vez por semana mais de 1 vez por semana. Quantas? _____

Apêndice C

Entrevista 1

- 1) Você se considera politicamente de direita, esquerda, centro ou sem posicionamento político?
- 2) Como você tomou a decisão sobre seu posicionamento político?
- 3) Como as pessoas costumam reagir ao seu posicionamento político?
- 4) O que você pensa sobre o cenário Educacional no Brasil do nível Fundamental ao de pós-graduação?
- 5) Quais são as propostas políticas na sua orientação política que são feitas em relação à área da saúde?
- 6) O que você acha sobre as diferentes posições políticas?
- 7) O que você considera mais importante para o desenvolvimento de nosso país (educação, segurança, assistência social, saúde, planejamento urbano)? Como você acredita que esta área pode se desenvolver de acordo com sua orientação política?
- 8) Qual a pior parte de sua orientação política?
- 9) Como você imagina que seria nosso país se todos os Brasileiros tivessem uma orientação política oposta à sua?
- 10) O que você pensa sobre a proposta da reforma da aposentadoria?
- 11) Em que medida você concorda ou discorda do nosso atual presidente?
- 12) Você acha que poderia ter algum aspecto diferente sobre seu posicionamento político?

Apêndice D

Entrevista 2

- 1) Você se considera politicamente de direita, esquerda, centro ou sem posicionamento político?
- 2) Existe alguém que influenciou seu posicionamento político?
- 3) Você chegou a participar de forma mais ativa politicamente (trabalhar em cargos políticos, participação em campanhas políticas, protestos etc.)? Como foi?
- 4) Você acha que seu posicionamento político influencia sua relação com outras pessoas? De que forma?
- 5) Como você avalia políticas da saúde no nosso país nos dias de hoje?
- 6) Qual a melhor parte de seguir sua religião?
- 7) Qual o principal político que contribuiu para o desenvolvimento do nosso país na sua opinião? O que ele fez?
- 8) Existe alguma outra pessoa que tenha feito parte importante da história do nosso país? Quem é? O que ele fez?
- 9) Como você acha que o mundo seria se todos os Brasileiros tivessem sua orientação política?
- 10) Você costuma dialogar com pessoas de outras orientações políticas? De que forma?
- 11) Você acredita que a participação política é importante? Por quê?
- 12) Você já foi punido pelas pessoas da sua orientação política? Como?

Apêndice E

Escolha dos participantes

1) Qual dos dois rapazes você acredita ser mais apropriado para o cargo?

() O que fez a primeira entrevista (NOME DO CONFEDERADO)

() O que fez a segunda entrevista (NOME DO CONFEDERADO)

2) Qual (is) critério (s) você utilizou para esta escolha?

() Aparência física / forma de se vestir

() Maneira como fala

() Atividades profissionais que desenvolveu

() Atividades voluntárias que desenvolveu (grupo da universidade)

() Perguntas realizadas durante a pesquisa

() Orientação sexual do participante

() Outro: _____

Apêndice F

Informações do Confederado – Modelo 1

Nome: (NOME DO CONFEDERADO)

Gênero: Masculino

Idade: 23 anos

Orientação sexual: Heterossexual

Atividades profissionais: Estágio remunerado em RH na empresa CIEE por seis meses. Estágio remunerado em avaliação psicológica na clínica-escola de Psicologia por 1 ano.

Formação: Psicologia - pela PUC-SP.

Participação político-social da universidade: grupo de transporte sustentável.

Atividades acadêmicas: desenvolvimento de iniciação científica sobre religião.

Espaço para a
foto do
confederado

Apêndice G

Informações do Confederado – Modelo 2

Nome: (NOME DO CONFEDERADO)

Idade: 23 anos

Gênero: Masculino

Orientação sexual: Homossexual

Atividades profissionais: Estágio remunerado em avaliação

psicológica na clínica-escola de Psicologia por 1 ano. Estágio remunerado em RH na empresa NUBE por sete meses.

Formação: Psicologia - pela PUC-SP.

Participação político-social da universidade: grupo de militância LGBT.

Atividades acadêmicas: desenvolvimento do TCC sobre religião.

Espaço para a
foto do
confederado